

Nº 5

FRANCISCO II

OU

A LIBERDADE DA ITALIA.

DRAMA

PUBLICADO EM 12 DE JULHO DE 1861.

n.º 5

FRANCISCO II

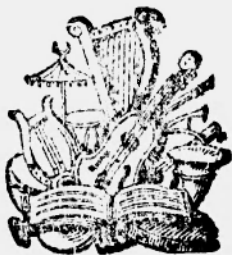
OU

A LIBERDADE DA ITALIA,

Drama historico em 5 actos

POR

Francisco Gaudencio Sabbas da Costa.



MARANHÃO.

IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA DO FERIAS,

Rua da Palma nº 7.

1861.

BIBLIOTECA NACIONAL
S. L. R. 14.814
1959



MEU TIO E AMIGO

O EXM^o. SENHOR SENADOR

Angelo Carlos Muniz

e a sua exm.^a senr.^a, minha tia e madrinha

D. Amancia E. Lamagner Frazão Muniz

como prova de gratidão, amisade

e respeito

O. C. e D.

O AUTOR.

PERSONAGENS.

FRANCISCO II.	<i>Rei de Napoles.</i>
MILON	<i>Governador de Gaeta,</i>
CARDIAL ANTONELLI.	<i>Ministro de Pio IX.</i>
LAMORICIERE.	<i>General das tropas pontifices,</i>
CADY	<i>Governador de Ancona.</i>
CEZAR DEVECHY . . .	<i>Coronel Romano.</i>
PAZINI	<i>Official Bolonhez.</i>
GIUSEPPE APPIANI..	<i>Official Bolonhez.</i>
DOMENICO LABLÁS..	<i>Muzico.</i>
LAFIT	<i>Official Napolitano.</i>
GABRIEL	<i>Carcereiro de Napoles.</i>
IZABEL.	<i>Romana.</i>
LUIZA LABLÁS	<i>Napolitana.</i>

Gente do povo; soldados garibaldinos, piemontezes, napolitanos e pontificios.

Accão passa-se: o 1º acto em Napoles no anno de 1848; o 2º acto em Bolonha, no anno de 1849; o 3º acto em Napoles, no anno de 1860; o 4º acto em Ancona; o 5º acto em Gaeta, no anno de 1861.

ACTO I.

A DESHONRA.

O theatro representa sala modesta e simples; a direita janellas, a esquerda e ao fundo portas. Uma harpa junto a uma mesa onde se vê muitas musicas abertas. É dia.

SCENA I.

Domenico, e Luiza (*dedilhando na harpa*).

DOMENICO.

Mais adagio nessa parte!.. debes dar mais expressão nos alegres, e com gosto tocarás esse instrumento celeste, se deres vida, animação a muzica....

LUIZA (*aparte*).

Meu Deos!

DOMENICO.

Julgas difficil?

LUIZA (*desfarçando*).

Não!.. não senhor.... é que....

DOMENICO.

E' que, se eu tivesse a tua idade, e, o talento que

tens para a sublime arte de Rossini, eu seria um portento! Donizeti, Bellini e o meu maestro e amigo Mercadante não duvidariam conceder-me a palma de primor... ah! Eu não fallaria senão cantando! E tu minha Luiza? Tu que és joven, que tens a memoria fresca, e que dispões de talento, como de belleza, tu tens abnegação pela musica! Viva Deos! Não gostar da musica! E' um impossivel!—A musica, é a linguagem que melhor se entende, com os corações ternos e bem formados pela mão de Deos! E' com ella que, os Anjos no céo orão na corte do Creador... Não creio que, Luiza não aprecie a muzica!... Uma Italiana, que é creatura feita para as artes!... Não é crível que, tu, filha da minha alma, não ames como teu pae, como todos os Italianos, a arte musical! Luiza, estudarás se queres... eu saio... vou a casa de Mercadante, tenho hoje lição de contra-ponto e breve cantarei a aria do Bravo... dessa sublime composição do meu maestro... Oh! tantas lições beberei naquella fonte de talento que, alguma coiza me hade ficar da musica. E os Martyres de Donizeti que aprecio tanto? Othello, Simmiramides de Rossini? Os Puritanos de Bellini ah! e quantas outras—que admiro?

LUIZA.

Tendes a cabeça de um grande artista.

DEMONICO.

E o coração! Oh! o meu coração encerra dois amores no seu amago; Luiza e a musica. Luiza,

as esperanças de minha velhice. . . . a minha consolação para o futuro, quando cansado dos annos necessitar de um guia, para me conduzir pelo mundo. . . . E a musica? A musica, o consollo da minha vida trabalhoza. . . a companheira das minhas horas de solidão e melancolia; é nella que sepulto as minhas magoas, afogo em suas notas de harmonia, os soffrimentos da vida. Luiza, se essa cabecinha de fada, não estivesse só a pensar em Cezar. . . .

LUIZA.

Meu pai, vós sois injusto! Se minha mãe vivesse, por certo, não seria como vós. . . .

DOMENICO.

Injusto! Injusto por suppor que, occupas mais o teu tempo em pensares em Cezar? Não vai elle ser teu esposo? Ha nada mais natural, do que uma noiva só pensar em seu futuro consorte?

LUIZA.

Quem sabe?! O mundo dá tantas voltas!

DOMENICO.

Estás lugubre hoje, minha Luiza, não me lembrava que era sexta-feira. Pobre harpa! . . infeliz musica! . . tudo abandonas minha chara filha, para entregares-te, toda, de corpo e alma, a esses embriagantes pensamentos de amor. . . . a essas doces reflexões de uma paixão que, vae dar cabo nos degrãos do altar.

LUIZA (*afagando o pai*).

Meu pai, Luiza não terá alguns momentos para pensar em vós?

DOMENICO (*beijando-a*).

Sim, minha filha, depois de muito o teres feito no teu futuro, no teu novo estado, e no teu Cezar Devechi.

LUIZA (*arrufada*).

Injusto!

DOMENICO.

Luiza. . . . bem sei que, a lembrança de teu pai entra em todos os teus planos; elle serve para os teus castellos dourados, como as notas para a muzica. . . ora viva! . . eis-me feito uma criança! Meu Deos! Não quero usurpar os direitos de Cezar, e sei que me amas, Luiza. Oxalá que o nome de Cezar, o amor que lhe tens te inspire e anime na execução de Guilherme Tel, como Rossini a escreveu! A muzica, Luiza, exige amor e paixão, o prazer e a magoa, o riso e a dôr; o amor é a vida, a paixão a alma, o prazer o espirito, a magoa a harmonia, o riso os sons e a dor tudo quanto se tem escripto em lá menor. Tu, Luiza, deves comprehender tudo. . . eu sei. . sim, depois de cazada. . . os filhos. . . (*Luiza mostra-se afflita*). . . os cuidados de mãe, não darão tempo a estudar, e os filhos são os instrumentos de que só se cuida. . . adeos Luiza. . . vou ter com Mercadante, eu estudarei por ti; cantarei e tocarei por nós ambos. Dei-

xo-te em liberdade;—ensaia á tua vontade. . . Voltarei breve para receber a Cezar, que prometteu-me, hoje vir jantar conosco. Não te deixo isolada, como os poetas vivem sempre na mente; não, se para um sabio um livro scientifico é uma companhia apreciavel; se para o pintor, as tellas, os pinceis, e a palheta representam o mundo que o rodeia; para uma artista que aprecia e ama a musica, uma harpa é uma divindade companheira. Luiza adeos.

LUIZA.

Sêde breve, meu pai (*beijando-lhe a mão*).

DOMENICO (*beijando-lhe a fronte*).

Demorar me-hei o menos que puder.

SCENA 2.

Luiza.

Ah! meu Deos! Como o pude encarar sem corar de vergonha, denunciando minhas faces, a minha horrivel culpa?! Elle, que tanto me quer! Elle, que a sua Luiza é a sua gloria, a sua vida. Ah! quanto sou desgraçada! Tão joven e tão criminosa! Meu Deos! Como dar inspirações á musica quando tenho a alma dilacerada pela magoa e pela dôr! Que cante! Oh! cantar quando só devo chorar! E meu pai dá o direito a Cezar em ser o unico pensado por mim! Ah! tem razão! Eu me esqueci que tinha pai quando tornei-me culpa.

da!.. Deixai me verter livremente este pranto amargurado... (*chorosa*) Tocar e cantar, tendo as fibras do coração cortadas todas! Oh! è um impossivel! Cezar, Cezar, tu me mettes medo! Essa mulher fascinou te! Ella è grande e poderosa, e eu? Eu fraca e pobre! Ella tudo te pode offerecer, e eu apenas um amor puro e leal! Não sei o que me adevinha o coração!.. Será possivel que Cezar Devechi esqueça se de que deve a vida a meu pai, quando lançado por terra de um golpe, esvaído em sangue, morreria? Esquecer-se-ha elle de que... Meu Deos! agora tudo intimida me! Se elle não me amasse... se me abandonasse... arrastando-me para o erro pelas suas proprias mãos me precipite na desgraça?!... Não, elle sabe que deve ser meu espoz... que tenho direitos adquiridos... que sou... ah! tenho medo de descobrir-me a mim mesmo! Ah! eu mãe!... sinto passos... desfarcemos Luiza.. não demonstres no rosto a tua desgraça.

SCENA 3.

Luiza e Cezar.

CEZAR.

Luiza!.. só!

LUIZA.

Cezar aqui!

CEZAR.

Não me esperavas por certo!...

LUIZA.

Só para jantares, como promettestes a meu pai.

CEZAR.

Voltarei logo (*tenta sair*).

LUIZA (*detendo-o*).

O que tens Cezar? Acho-te triste e desinquietao!.. Napoles incendiou-se?

CEZAR.

E' verdade Luiza que estou afflicto! Sabes que teu pai, salvando-me a vida quando traicoeiramente fui attacado por alguns assassinos liberaes, eu offereci me a Fernando de Napoles, para tudo quanto fosse mister contra essa raça de homens anarchistas. Sabes, que o rei Fernando é despota e accitou os meus offerecimentos, elevando-me a capitão dos seus exercitos. Pio IX perdendo a cabeça, deu uma constituição liberal aos povos da Romania, e o cardeal Antonelli. . . .

LUIZA.

Pai de Izabel. . . . a enviada ás cortes de Fernando de Napoles. . . .

CEZAR.

Luiza, Izabel chama ao cardeal seu tio, e nós devemos crêr que assim seja.

LUIZA.

E o que tem tudo isto para entristecer-te?

CEZAR.

Roma é ameaçada pelos liberaes, que em sua frente tem um celebre capitão Giuseppe Garibaldi, que pretende cortar com a espada o nó oppressor com que o despotismo aperta aos povos da Italia; Garibaldi, tentará debalde conquistar a Roma em quanto o cardeal Antonelli dispozer de forças e Deos queira não pague elle com a vida seu louco arrojo.

LUIZA.

Cezar, sois inimigo terrivel dos liberaes!

CEZAR.

Luiza, sou capitão das tropas de Fernando de Napoles e Duas Sicilias; esse meu rei e senhor é absoluto; suas leis são do despotismo sustentaculos; prestei-me a servir em suas bandeiras, e jurando fidelidade ao estado e ao rei, bater-me-hei até a morte contra os aventureiros, que pretendem, anarchizando as nações galgarem fortunas e posições.

LUIZA.

Não posso comprehender o que tem Napoles com a constituição de Pio IX, com a liberdade que Sua Santidade dera aos seus povos, ás suas ovelhas . . .

CEZAR.

O cardeal Antonelli, recorreu secretamente a Fernando de Napoles, pedindo-lhe soccorros e meios de combater a constituição do papa e a revolta dos liberaes, e o rei meu senhor. . . temendo vêr Sua

Santidade afogar-se nas ondas da revolta ás occultas
envia ao cardeal um reforço e. . . .

LUIZA (*afflicta*).

Oh! quanto receio do futuro!

CEZAR (*afectado*).

Luiza! Sabes quanto te amo? . . . sabes, que a
rainha vida é tua; o meu amor todo teu. . . . e
que tu, Luiza, és a minha mais ardente esperança
de felicidade eterna. . . . (*pegando na mão de Lui-
za*). Ah! quanto te amo! quanto sou feliz em es-
tando a teu lado. . . . Amei-te, e esse amor since-
ro levou me a pedir a tua destra ao Sr. Domenico,
meu salvador. Não foi só o amor, Luiza, que me
aconselhou a dar esse passo, não, a gratidão muito
concorreu para o progresso do nosso consorcio. . . .

LUIZA (*baixo a Cezar*.)

E a vergonha? a deshonra?

CEZAR (*atrapalhado*).

Ah! Luiza — acho-vos hoje pouco amavel! . . Des-
confias de mim?

LUIZA.

Oh! Cezar, não sabes que tenho nas entranhas o
fructo do amor puro e santo que te consagrei? A
prova do meu delicto, do meu erro, da minha des-
honra. . . .

CEZAR.

O nosso consorcio tudo fará desaparecer. Teu
pai, Luiza, ignorará sempre que. . . .

LUIZA.

Como palpita o meu coração de alegria!... Cezar, chama-me injusta e cruel... mas diz que me amas... oh! tudo ouço de bom grado e satisfeita, sendo amada por ti.

CEZAR.

Minha Luiza!...

LUIZA.

Nós seremos felizes, não é verdade Cezar? Quando unidos pelos doces laços do hymineo... quando o nosso tenro filho sorrir se para os autores de seus dias... Cezar, então meu pai ouvirá sua filha cantar e tocar com expressão de artista que ama e tem gosto pela arte, e esta infeliz harpa, companheira das minhas lágrimas, não gemerá comigo como até agora tem feito.

CEZAR.

Sim Luiza... é tudo verdade. Deos reserve para ti um futuro todo risonho e bello como o tens imaginado; cheio de encantos e amor... (*Querendo retirar-se.*) Luiza eu voltarei em breve...

LUIZA.

Esperai, Cezar (*sac.*)

SCENA 4.

Cezar. (*só*)

Perspicaz mulher! Luiza, como toda Napoles,

sabe que, Izabel, a filha do cardeal Antonelli, chegara a corte de Fernando em character de embaixador secreto, pedindo reforço para as columnas absolutistas de Roma. Feliz lembrança do cardeal, só assim teria, sem causar suspeitas, aos inimigos que o cercão, facil communicação com Fernando 2.^o Ah! e quanto Izabel é encantadora?! Que me importa achar-se altamente collocada, se eu com a minha espada, com o valor que a ambição me inspira poderei chegar a ella?! Luiza, já é menos bella, menos encantadora para mim, em quanto Izabel tem as formas do Anjo do Senhor. . . . nella deviso uma estrella de esperanza. Luiza, perde-me, e Izabel pode elevar me, engrandecer me, como almeijo, na carreira que professo. Que importa os remorsos de haver seduzido essa pobre mulher? elles só servem de obstaculos aos necios e só os tolos acreditão na existencia do inferno. Salvo por Domenico, enfermo em sua casa, apaixonei-me por Luiza, que tantos attratievos e cuidados applicava ao seu doente. Eis como me deixei prender até hoje, que me heide libertar do jugo desse casamento sem vantagens.

SCENA 5.

Cezar e Luiza.

LUIZA.

Cezar, quero que sempre tragas este talisman sobre o teu peito.

CEZAR.

Algum breve com a oração do santo da tua devoção?

LUIZA.

Não.

CEZAR.

Já sei, é um segredo que queres que seja guardado? Não é assim, Luiza? meu unico e verdadeiro amor?

LUIZA.

E' uma simples madeixa dos meus cabellos que tanto te encantarão já!

CEZAR.

Preciosa prenda. Luiza, sois uma feiticeira! Esta fina madeixa viverá sobre o meu coração, como teu nome em minha memoria, e se a morte apagar a luz da minha vida. . . .

LUIZA.

Jezus!

CEZAR.

Horroriza-te a lembrança da morte! E ella é infallivel! Luiza, se eu morrer, deixa que esses crespos cabellos baixem commigo á campã fria.

LUIZA.

Santo Nome de Deos! Fallais em morrer! Cezar, ides entrar em combate? Porque não me fallas antes, no nosso futuro, no nosso filhinho. . . .

CEZAR.

Elle receberà meu nome, adeos Luiza.

LUIZA.

Adeos Cezar, voltarás em breves instantes, não é assim? Não tardarás muito?

CEZAR.

Não, não. (*aparte*) Izabel corro a teus pés.

LUIZA.

Adeos Cezar Devechi.

.CEZAR (*beijando-lhe a mão*)

Adeos Luiza Lablas.

SCENA 6.

Luiza (*só*)

Grande Deos! as minhas suspeitas não se realisarão! Cezar me ama! Izabel, filha do Cardinal Antonelli, eu não te temo, embora a tua belleza romana admire a todos os habitantes de Napoles. . . . não és, não passas de uma bastarda, filha de um clérigo.

SCENA 7.

Luiza e Domenico.

DOMENICO.

Luiza, filha minha, Napoles está perdida! Esta

Itália em quanto não for um só reino, será o ludíbrio dos reis despoticos que a cercão. Carlos Alberto, rei generoso e magnanimo deu, como o papa, uma constituição liberal aos seus subditos e o despota da Austria com o Reibomba das Duas Sicilias, ajudados pelo infame Antonelli, tratão de combater as constituições de Roma e Piemonte. Mercadante afflicto, desesperado com tal noticia, não pode lecionar hoje, e eis a musica morta ao som do estrepito das armas, do sibilar das ballas. Pobre Mercadante ! Elle é liberal, mas teme do jugo que nos governa e esperanças tem concebido, nesse famoso capitão Garibaldi, que ainda um dia deslocará da península italiana o infernal despotismo.

LUIZA.

Ah! quando o valeão da liberdade fará a sua erupção ?

DOMENICO.

Ainda é muito cedo. Luiza, tens reparado quanto Cezar é despotico ? Eu tenho medo que o terramoto que deve engolir, em seu seio o absolutismo e a tirannia, não o engula conjunctamente. Quem nos dera, a nós, verdadeiros italianos, que a nossa patria. . . . Luiza tenho medo desta minha linguagem. Em Napoles a menor suspeita, leva um homem aos carcerees, e de lá, dizem que só mortos costumão sabir. Nada ; cuidemos da musica, que nos deleita e agrada, e tu Luiza, trata-rás dos rabioles para o jantar e do macarrão em

pasta, que tanto gostamos. Os francezes nos appellidão de ==macarrones==, isso que tem se elles morrem por sopa de macarrão? A França tem ciume da Italia, e os francezes não podem ver primar nas artes, o povo italiano.

LUIZA.

Não determinaes mais nada?

DOMENICO.

Que voltes breve para estudarmos o nosso «Guilherme Tell». . . . Muito te deves ter exercitado na minha ausencia? . . . deves executar melhor essa peça de musica inspirada pelo ser Divino.

LUIZA (*saindo, aparte*).

Meu Deos! dá me coragem para resistir a seus olhares.

SCENA 2.

Domenico (só)

Quero que Luiza abismado deixe ao maestro Mercadante, quando elle a ouvir na harpa executar este difficil bocado de Rossini. Maldita revolta! O que tem Mercadante com o que faz a Sardenha e Roma? Deixe brigar quem quiser, vamos nós tocando e cantando, e viva a liberdade. Se Milhão, a Lombardia toda, Napoles, Veneza e as Duas Sicilias, formassem com a Sardenha um só estado. . . . uma só nação! com essa constituição papal, com esse rei Carlos Alberto a frente do

reino. . . . por certo que a liberdade dos povos da Italia não seria barateada e jogada pela Austria e. . . . Eis-me a scismar em impossiveis !. . . (*indo á meza das musicas*) Que vai aqui de operas ! Eis um compositor que muito nos promette ! É o maestro Verdi; este seu *Nabucodenusor* é optimo, é um outro *Bravo* de Mercadante. Ah ! *Norma* ! Bellini apaixonado e terno !. . . (*faz que lê a musica*)

SCENA 9.

Domenico e Luiza.

LUISA.

Eilo as voltas com as musicas !

DOMENICO.

Filha, cada doudo com sua mania.

LUISA

Tudo está determinado, como ordenastes.

DOMENICO.

Minha Luisa, és uma perfeita dona de casa, e uma filha modello. Dê teus actos minha velhice nada tem a intimidar-se. . . . és casta, pura e verginal como os anjos do ceo, (*beja-lhe a fronte.*) Quem não te amaria ? Cezar teve gosto, escolhendo te para sua esposa, A belleza e a virtude, são os teus dotes. Elle será feliz e tu minha Luisa, venturosa.

LUISA (*confusa.*)

Meu Pai. . . .

DOMENICO (*indo á janella*).

Com mil bemores! Napoles anda em rebuliço! Parece que o dia final está proximo para o despotismo, e agonisantes andão todos os despotas pelas ruas da cidade!

LUIZA (*aparte*).

Se elle chegasse....

DOMENICO.

Vamos Luiza; dá começo ao andante.... recorda te que tens tres sustentidos e tres bemores; eu bato a batuta.

LUIZA (*preparada na harpa*).

Coragem maestro (*surrindo-se*).

DOMENICO.

Avante. (*batem na porta*). Alguem bate! Maldição! Ainda que Cozar fosse....

LUIZA.

Quem será?

DOMENICO.

Vejamos. (*abre a porta, entra um pagem com uma carta, entrega a Domenico e retira-se*). Uma carta para Luiza Lablás.

LUIZA.

Estaes enganado meu pai...

DOMENICO.

O subscripto reza assim «Sr.^a Luiza Lablás» hem

ves que é contigo, ahí a tendes (*dá a carta a Luiza*).

LUIZA (*abrindo-a*).

O que será?

DOMENICO.

Sem duvida, desculpas de Cezar, affazeres o obrigação a não vir jantar connosco.

LUIZA (*lendo a carta*).

Será possível! Elle é quem me escreve! Meu Deus! (*cae desmaiada*).

DOMENICO.

São Genaro me soccorra! Luiza! Filha da minha alma!.. ah! ella respira! Ella vive ainda!.. quem me soccorre!.. só.. ah! meu Deus salvai minha filha... Luiza... como palpita o seu coração!.. (*conduz a uma poltrona*) Maldita carta! de quem será? (*corre, apanha a carta*) E' de Cezar! (*lendo*) « Luiza estaes livre. O destino não quiz que nos
« unissemos, e elle é poderoso, deixa-vos desone-
« rada de todas as obrigações que tínhamos con-
« traido com cazamentos. Não posso ser teu espo-
« so, adeos para sempre! Sou um criminozo, fujo
« do lugar de meu crime, e não sei para onde a
« sorte me guia. Occulta de teu pai o segredo do
« meu delicto, que elle o ha de ignorar eternamen-
« te.—Cezar *Derechy*.» (*representando*) Ceos!
e vive ainda um monstro destes! De que crime falla elle ser cúmplice? Eu não quero abysmar-me em tristes reflexões... é um impossivel! Luiza é

um serafim. . . . ella não nodoaria seus dias e de seu velho pai. . . . oh ! o meu coração vacilla, entre o querer saber e o querer ignorar !. . . Ella ainda sem sentidos !. . . A respiração acalma se !. . . quer tornar a si . . . sinto passos, é alguém que Deos envia em meu soccorro. (*abrindo a porta, entrão soldados e um official*). Justos Céos o que pretendeis ?

SCENA IO.

Luiza, (desmaiada), Domenico, Official Lafit, e soldados.

OFFICIAL LAFIT.

Sois vós Domenico Lablás ?

DOMENICO.

O que ordenais ?

OFFICIAL LAFIT.

Em nome de Fernando, rei de Napoles, e das Duas Sicilias, estaes prezo.

DOMENICO (*horrorisado*).

Prezo ! Ah ! senhor qual é o meu crime ?

OFFICIAL LAFIT.

Fostes accusado de traidor ao rei e ao estado, como exaltado liberal e agente de Garibaldi em Napoles.

DOMENICO.

Ah ! Quem foi o meu denunciante ? Senhor offi-

cial, dizei-me o nome do traidor, oh! infame! o seu nome?

OFFICIAL LAFFU.

Cezar Devechy.

DOMENICO.

Cezar Devechy! Ah! comprehendo tudo agora! Cezar Devechy! Ah! Não esposou a filha e traiu ao pai. Ah! Luiza! Filha infeliz, quem te amparará cá na terra? (*beijando a fronte de Luiza*) Recebe este osculo paternal, o ultimo talvez. . . . senhor official partamos, e viva a liberdade!

SCENA II.

Luiza, (*despertando*).

Aonde estou? Silencio por toda a parte! Meu pai. . . . aonde está elle? (*ergue-se*) Não sei o que em mim passou! (*indo á janella*) Meu Deus! O que vejo? Meu pai entre soldados de Fernando 2º? Meu pai. . . ah! soltai-o, elle está innocente. . Elle está innocente!

DOMENICO (*longe*).

Luiza adeos!

LUIZA (*desesperada*).

Ah! como salvar-te. . (*dá com a carta*) Talvez que esta carta denuncie-me o traidor de meu pai (*lendo*) Ah! é de Cezar! Cezar que me abandonou. . . que traiu meu pai! . . Teme, Cezar Deve-

chy que a leôa é mais terrível muitas vezes do que leão furioso. Coragem, Luiza! Já não tens pai! Um ser ordena-te que tomes coragem e resignação. Elle bem me disse « teu pai ignorará tudo! » Monstro, abandonou-me á miséria e encarcerou aquelle que podia consolar-me na desgraça, Cezar Devechy, Luiza já não è a fraca, a debil e amoroza Luiza, não, ella é a desgraçada, a seduzida, a deshonrada Luiza que ao raiar do sol da liberdade da Italia, surgira para ella o dia da vingança. (*Cae sobre o soalko.*)

FIM DO 1.^o ACTO.

ACTO 2.

AS NUPCIAS.

Magnificas salas de arcadas, do palacio do Cardeal Antonelli, preparado para grande festa, e completamente Illuminado.

SCENA I.

Antonelli, Cezar, Convidados, *trajados a corte romana que crusão os salões.*

ANTONELLI.

Bolonha é por certo a minha predilecta cidade de toda Romania. Eis, coronel Cezar Devechy, porque a escolhi para as vossas nupcias. Izabel, como sabeis, filha de Bolonha, afagou este meu pensamento e....

CEZAR.

Perdoai-me, Senhor cardeal, que vos observe que em Bolonha, Roma, Ancona, ou em outra qualquer parte, se exigisses, eu receberia Izabel por minha espoza com o prazer que deve ter um homem que se julga completamente feliz.

ANTONELLI.

Completamente feliz! Acreditai, Cezar, que sempre duvidei, haver alguém completamente feliz!..

CEZAR.

Esposando-me com vossa filha. . .

ANTONELLI.

Cezar, bom será que assim não chames Izabel, ante todos; ella é minha filha, é verdade, mas o tratamento de sobrinha que lhe dou moralisa o barrete de Cardial que me adorna a fronte. O clérigo exige seus incognitos e suas desculpas para a religião e para o publico. Os meus inimigos, que de tudo lanção mão, não me poupão, e depois que consegui combater e inutilizar a constituição que S. Santidade quiz dar aos povos de Roma, não deixo um momento de ser afrontado por esses que se julgão habilitados a zombarem do Cardial Antonelli. Eu muitas vezes sou justo, embora espalhem os meus adversarios que sou um monstro, um despota, um tyranno! Lembrai vos Cezar quando os revoltosos atacarão Roma, abandonada por Pio IX., que vos batestes como um leão enfurecido contra esses anarchistas politicos? S. Santidade com o auxilio do exercito francez recuou no Vaticano, mas a constituição ficou sem nenhum effeito. Pio IX fraco e irresoluto, teve de perder suas esperanças e de recuar ante os obstaculos que eu lhes erguia todas as vezes que pretendia arvorar a bandeira da liberdade. Carlos Alberto, rei da Sardenha, seguindo os passos do papa, abandonou seu reino, abdicando em seu filho Victor Emmanuel, indo habitar terras de Portugal. Seria-mente o exemplo do pae servirá para guiar o filho, e, é provavel que esse não precipite nos aresmos

abysmos a corôa que Carlos Alberto perdeu.

CEZAR.

E é a essa constituição de Sua Santidade, que devo a minha ventura.

ANTUNELLI.

Cezar, deves a tua ventura, a tua boa estrella, ao destino que te marcou para seres filiz, meu Cezar; vejo que não és fatalista.

CEZAR.

Não creio no accaso.

ANTONELLI.

Cezar Devechy, Fernando II, a meu pedido, te enviou em soccorro de Roma, e o reforço que troxeste, a bravura que mostrastes na defeza das minhas idéas, te elevarão a coronel dos estados pontificios. A consequencia immediata da abdicção de Carlos Alberto, e as reformas de idéas, que o filho dará ao seu estado, contra os principios de seu pai, assegura-nos Cezar, uma paz duradora. A lição que a Sardenha levou, não foi piquena, e esse aventureiro, que arrisca seu sangue, sua vida, para plantar na Italia, a liberdade dos povos, debalde tentaria espalhar a sua propaganda, porque a Austria o capturará, mediante um offerecimento peculiar pela sua cabeça. Verdade seja que muito cara hade custar a Austria a cabeça de Garibaldi: ella certamente não valle o preço que o Imperador Fernando II offerecep or ella.

CEZAR

Senhor Cardeal, esse tememario Garibaldi talvez-

ainda consiga triumphar de nós. A arvore da liberdade não fôra plantada em terreno preparado em 1848, mas para o futuro, enraizando-se pela península, bem pode vegetar e prometter o pomo desejado.

ANTONELLI.

Longe vá o vosso agoiro. Santo Breve! Então o cardinal Antonelli não estará vivo. Extirpado o mal pela raiz, não poderá medrar mais. Eu livro a Italia de novas anarchias, e quando por ventura a revolução bota ás portas da capital catholica, não tem ella os bravos de 1848, o Cezar para defendel-a?

CEZAR.

Cardial, o destino é muitas vezes bem capríxoso! Comnigo mesmo tenho exemplos que me espantão! Mas antes que Roma seja atacada pelos revulucio-narios, antes que seja conquistada, será necessario que a liberdade triumphe em toda a Lombardia, e Veneza, que a Austria domina com vigilancia; é necessario que Napoles tenha cahido em poder dos revoltosos, que as Duas-Sicillias não tenham mais um rei como Fernando II.

Ah! difficil e espinhosa é por certo a tarefa para um aventureiro como Garibaldi, que expatriado peregrina pela America, saciando sua sêde de sangue nas republicas do sul, contra o Brazil.

ANTONELLI.

Temerario filho de Nize, nascido no meio da procella ao rebombo da tempestade! Anjo da liberdade,

como os necios o chamão, bem longe da tua patria pagarás tua ousadia. . . . (*observando ao fundo*)
 Meu Deus! Isabel ahí vem; corramos ao seu encontro.

SCENA 2.

Antonelli, Cezar e Isabel (*com grande sequito de mulheres e cavalleiros.*)

IZABEL.

Cezar. . . Meu Tio. . .

ANTONELLI.

Como vens encantadora! Cezar por certo soube escolher uma das mais bellas flores da Romania, u-
 ma das perolas de Bolonha.

IZABEL. (*modesta.*)

Senhor!..

ANTONELLI.

Cezar que o diga.

CEZAR.

Lisongeio-me, Sr. Cardial, de ter merecido a mão de Isabel.

IZABEL. (*aparte*)

Ah! E Vespuccio prezo!

ANTONELLI.

Em breve voltaremos a buscal-os. Isabel, quero que hoje os nossos convivas, baptisfeitos todos, ende-

recem ao Ente Supremo um voto de graça, pela tua futura felicidade. E vós meus amigos, por certo não deixareis de rogar a Deos pelo destino venturoso de minha amada sobrinha Izabel. (*ouve se dentro musica*) Ah! já! Depressa os musicos dêrão accordo de si, partamos. (*todos seguem a Antonelli.*)

SONHA 3,

Cezar e Izabel.

CEZAR.

Izabel, estaes tristes?

IZABEL.

Enganas-te Cezar. . . . é a emoção do acto, por que tenho de passar. . . . (*aparte*) Infeliz Vespucio! Ah!..

CEZAR.

O amor é o melhor agente para a felicidade!..

IZABEL.

E a ambição?

CEZAR.

A ambição é um meio, mas bem abjecto e mesquinho, e muitas vezes ella nos faz descer mais depressa do que subimos. Deixai-me Izabel, que de joelhos beije a tua mão generosa e bemfeitora (*ajoelha e beija a mão de Izabel*). Como sou ditozo! Se a terra

se abrisse para tragar meu corpo, minha alma sa-
bria neste momento ao Ceo. . .

IZABEL (*aparte.*)

Dissimulemos nossa dôr (*alto*) Cezar !

CEZAR.

Como sois encantadora !

IZABEL.

Ergue-te. . . Oh ! não vos quero a meus pés. . .

CEZAR (*erguendo-se.*)

Adorar um anjo, como vós, Izabel só de joelhos é
permittedo. O suave som de tua voz embriaga-me a
alma de prazer, e sinto me elevado sobre os outros
homens. Ah ! Izabel o que neste momento meu co-
ração gozando está, não se pode explicar. . . Todos
esses louros que na guerra ganhei com risco de mi-
nha vida. . . . todas essas grandezas feitas que o
mundo admira e ambiciona. . . . Izabel. . . tudo é
menos para mim, do que uma só expressão de amor
de teus lábios desprendida. . . Ah ! que Imperador
Romano possuiu um anjo como Izabel ?

IZABEL.

Vós me perdeis !

CEZAR

Quanto fui feliz em ter seguido a carreira de meu
pai ! Servia na guarnição do palacio de Fernando II,
meu senhor, quando te vi pela primeira vez ! Oh !
lembro-me do papel que representavas ! O Cardial

Bem sabia que eras capaz de uma missão grandiloqua. Os inimigos do absolutismo não deixariam passar livremente qualquer emmissario a Napoles se esse não fosse Izabel, de quem nada suspeitavão, e a tactica de Sua Eminencia, tornou me um outro homem; porque logo vos amei e certamente seria digno de lastima, se esse amor não fosse coroado como vai ser hoje. Ha dez mezes que deixei Napoles, e que sempre pretendi a posse de Izabel.

IZABEL.

Ha dez mezes que talvez deixasses alguma amante traida. . . . Quem sabe se alguma infeliz não arrastastes para a desgraça, abandonando-a a miseria e a adversidade.

CEZAR (*confuso.*)

Sempre aspera commigo! Hoje que os laços do hymineu vae apertar o nó das nupcias, nos estreitando para sempre, é que ainda mais terrivel te encontro, Izabel! Quando eu abenço a hora proxima da nossa união eterna, vós maldizeis esses felizes momentos para mim, e dedicaes amor e pensamento a outro. . . .

IZABEL (*austera.*)

Cezar, ainda não sois meu espozó, para ter que dar contas de minhas acções a vós.

CEZAR (*humilde.*)

Inflamai-vos tanto! Izabel eu não sou reptil venenoso que se occulta entre as flores para ferir a

dextra que as ouzar culher; não, vereis que o cardeal soube escolher em mim um digno espozoz para Izabel. Deixo vos, senhora, corro a esperar monsenhor Bella.

SCENA 4.

Izabel.

Mai Santissima! Sou obrigáda a pertencer a outro! Oh! só a vida de Vespucio a isto me obriga! E é meu pae que me lança em rosto: Mulher impura! E é elle que me vende a Cezar Devechy! a troco da vida de Vespucio! Vespucio! Oh! quanto Izabel te ama! Elle? Elle, preso e accusado de rebelde, de revolucionario pelos sequazes de meu pai, está condemnado á morte! E qual o seu verdadeiro crime? amar! amar a Izabel! Quando livre cruzar os braços e fixo seu olhar me fulminar, invocando o sagrado juramento que lhe fiz! ah! Antes a morte! Infernal Cezar! Instrumento do crime do cardinal Antonelli, vaes ser meu espozoz... Ah! levas uma mulher que suppões donzella, quando a outro pertence! Elle assim o quiz, Vespucio meu unico amor, era pobre, era pintor, era escravo que detestava o jugo despotico do cardinal, e ousou amar me! Oh! crime horrivel de um immortal artista, filho do nada que com as tellas, a palheta, os pinceis se elevára aonde os poderosos dezeção chegar... Miguel Angelo Bonerot, Caravagio e Rafael, deixai-vos nos vosso tumulos e não desperteis do somno eterno, que sereis uns criminosos (*sceta-se*)

Ah! mascara-te Izabel, deixa nos labios um rizo roçarte, um sorriso de fingido prazer, sinto que Antonelli se aproxima.

SCENA 5.

Izabele Antonelli.

ANTONELLI.

Então Izabel, onde está Cezar?

IZABEL (*confusa.*)

A pouco deixou-me.

ANTONELLI.

Certamente foi ao encontro do monsenhor Bella que chegou. Não se fez demorado; dize-me: ainda estaes maguada com o arranjo que fiz, esposando-te com Cezar?

IZABEL.

Sempre humilde Senhor vos obedeco.

ANTONELLI.

O papel que representastes como embaixador em meu negocio, junto á corte de Fernando II, occultou o teu erro e Bolonha ignora que a tua tarefa era mais pezada do que na verdade suppozerão.

IZABEL.

Senhor popai-me a dôr de ouvir de novo as vossas accusações.

ANTONELLI.

O erro em que cahistes, amando a um vil pintor, a ponto de cega te apaixonares por elle, vai ser por Cezar encoberto, e os meus gratuitos inimigos não lançarão á face do pae a deshonra da filha.

IZABEL.

Meu pai, bem vedes que poucos instantes faltão para verdes realizados os vossos planos. Dizei-me, Izabel merece em paga do sacrificio que vai fazer, a promettida liberdade de Vespucio? Lembrai-vos meu pai, que serei duas vezes desgraçada, se me faltardes com o que me jurastes fazer.

ANTONELLI.

Vespucio, Izabel, será livre. Já dei as necessarias ordens para a sua liberdade, S. Santidade euviou-me o perdão para o condemnado.

IZABEL (*com transporte de alegria.*)

Ah! eu te agradeço pai querido.

ANTONELLI (*á parte.*)

Ella o ama muito! É necessario apagar essa paixão para sempre (*alto*) Izabel, prometi-te que Vespucio seria libertado; bem vedes que não falto com o prometido: elle vai ser livre.

IZABEL (*de joelhos.*)

Graças ah! meu Deos! Graças para elle!

ANTONELLI (*á parte.*)

Nunca mais o verás (*para Izabel*) Ergue-te, filha minha, que aproxima-se de nós . . . sinto o tropel dos convivas, desvanece o teu prazer de uma paixão criminosa.

SCENA 6.

Antonelli, Izabel, Cezar, Convidados,
(*entrando por todos os lados*).

IZABEL (*á parte.*)

Coragem!

ANTONELLI.

Por sangue de Christo! Izabel vos esperava e todos para serem concluidas as nupcias desejadas. Cezar, monsenhor de Bolonha vos espera?

CEZAR.

Deixei-o no altar, Senhor.

ANTONELLI.

Antes que ao altar nos dirijamos, sabei que S. Santidade Pio IX houve por bem perdoar a Vespuccio, o condemnado á morte, concedendo-lhe a vida e a liberdade (*á parte para Cezar.*) Não temei a presença de um rival, elle morrerá.

CEZAR (*á parte.*)

Ah! ambição fatal!

ANTONELLI.

Este acto de verdadeira religião, que o papa acaba

de praticar, é uma das grandezas de seu immenso poder. Agora, Izabel, acabemos com as cerimoniaes da Igreja, partamos.

CEZAR (*offerecendo a mão.*)

Permiti Izabel que vos conduza.

IZABEL (*aparte.*)

Meu Deus! (*aceita a mão e sahem todos.*)

SCENA 7.

Appiani e Pazini.

APPIANI.

Eil-os que partem para o templo.

PAZINI.

Por Deos que Bolonha nunca teve uma noite mais cheia de festas!

APPIANI.

Grande Deos! Cezar Devechy ignorará que Vespucio é o amante de Izabel? O cardeal, vendo seu sangue em risco de perder-se no pó da relé, espozando-se Izabel com o pintor romano, levantou crimes falsos, Vespucio foi condemnado á morte, e amanhã tem de ser executado.

PAZINI.

E o que foi Antonelli, hoje cardeal?

APPIANI.

Por minha vida! Fallais muito alto! Não sabeis que as paredes do palacio do cardial tem ouvidos?

PAZINI.

Arrastado, para não cahir no desagrado de Antonelli, eis me, Sr. Appiani, em seu palacio. . . para assistir o consorcio de sua Sobrinha. . . de sua filha, é melhor fallar.

APPIANI.

O cardeal Antonelli não é um homem vulgar. Filho de um lenhador, nascido em Sonmino, pelas suas proprias obras eleva-se e, o acaso o protegeu á chegar a ministro de S. Santidade. Toda Italia sabe que em 1802 fôra batisado Giacomo, e que seu pai o mandára educar no seminário de Roma, que o seu talento para as faculdades financeiras administrativas e politicas desenvolveu se a olhos vistos. Foi successivamente perfeito, secretario geral e ministro do interior, chegou a ministro da fazenda. Foi rapida a carreira de Antonelli! Nos pontificados de Leão XII e de Gregorio VI formou uma fortuna não pequena. Com 26 annos de idade Gregorio VI chegando a papa teve Antonelli por seu mentor, e é sabido, que emquanto cardinal, nunca tomára ordens religiosas. Não fôra a religião o guia de seus passos, não, a ambição o conduziu ao cume da felicidade. Sabindo Pio IX, elle estudou o genio indolente e indeciso de S. Santidade; ora sendo junto ao papa, exaltado liberal, ora modificado absolutista dos costumes e leis, dos seus antepassados, sempre as occultas tramando contra as idéas de Pio IX, e adquerio ascendencia tal sobre o pontifice que elle é mais do que S. Santidade.

PAZINI.

É um algoz que a Italia tem armado, prompto para governar despoticamente. Pelas traições de Antonelli o infeliz Roce, ministro de S. Santidade, fôra assassinado! No parlamento Romano, aventára idéas de liberdade e um tal crime não é o cardeal Antonelli que o perdôa. Ah! manchado com o sangue de um martyr, conseguiu matar a constituição que Pio IX dera a seus povos, e S. Eminencia teve de refugiar-se em Gaeta, para deixar passar a revolução, que arrebentara ás portas do Vaticano!

APPIANI.

O que tem a admirar-se, foi Luiz Napoleão, presidente de uma republica dar forças para sustentação de um despota.

PAZINI.

Antonelli bem enformado está de que Cezar De-vechy desgraçara a filha de um honrado muzico, Domenico Lablás, e que, inspirado pela cêga ambição, este verdugo dos liberaes, correu a defender Roma e conquistar a mão de Izabel, amante de Vespucio.

PAZINI.

Por tal caminho não quero subir ao capitolio.

APPIANI.

A nossa demora pode causar suspeita, vamos meu amigo a assistir as nupcias.

SCENA 8.**Antonelli.**

Sempre juntos estes dois homens ! Não me escaparão ! Terei vigias que os seguirão como suas sombras e ai delles se as minhas suspeitas realisão-se. O monsenhor de Bolonha deu principio ao acto conjugal de Izabel. Ah ! Vespucio livre, tudo estava perdido ! Cezar ambicioso, sabia que Izabel amava e era amada por esse pintor, e a seu pedido encarcerei-o e fiz ser condemnado á morte. . . . é a Cezar que heide encarregar de pesquisar os passos a Appiani e Pazini. . . . eu os heide esmagar como serpentes venenosas, que, querendo se enroscar em volta a meu corpo, não poderão morder-me, embora a isso tentem. Ainda ha quem duvide do meu poder ?

SCENA 9.

Antonelli, Izabel, Cezar, Appiani Pazini, Convidados.

IZABEL (correndo para Antonelli).

Meu Tio !

ANTONELLI.

Cara sobrinha ! Oh ! quanto me é delicioso este momento ! Como somos felizes !

SCENA IO,

Ditos, Luiza (*trajada de preto com um véo no rosto*)

LUIZA.

E eu desgraçada!

TOBOS.

Uma mulher!

ANTONELLI.

Quem é esta mulher?

CEZAR (*tirando-lhe o véo*).

Luiza Lablás!

LUIZA (*palida*).

Cezar Devechy eis a tua obra!

ANTONELLI.

Luiza Lablás!

LUIZA.

Sim Cardeal Antonelli, Luiza Lablás que vem pedir reparação de um erro commettido por Cezar Devechy. Luiza que, seduzida por seu amante, pelo homem que hia ser seu esposo, foi abandonada, trahida e desgraçada! Cezar Devechy, o que fizeste de meu pai? Calumniaste-o perante o rei-bomba, e o encarceraste em Napoles! O que fizeste do teu juramento feito á filha do homem que vilmente traistes? Sò, sem outro amparo que a miseria, os bens que tinha, confiscados para o estado,

o nome, ludibriado por todos, e correste atraz do carro triumphante de uma mulher, que abria-te o caminhô da fortuna que tanto ambicionavas; eis Cezar Devechy, o teu passado. Deos não quiz que o fructo de um amor criminoso vivesse para eterna vergonha da victima que o gerara em seu ventre. Cezar Devechy, julgastes-me sepultada talvez, oh! às vezes os mortos resuscitão para flagello dos mãos.

ANTONELLI.

Quanta insolencia.

IZABEL.

Cardeal ! É uma infeliz que falla.

ANTONELLI.

É uma mulher paga pelos meus inimigos, para enxovalhar tuas nupcias, e ella perdida, sem pun-donor, em troco de alguma bolça de ouro, pres-tou-se á semelhante infamia. (*para dentro*) Oh ! lá, vinde. (*apparecem soldados por todos os la-dos*) Impunemente não se offende o cardeal Anto-nelli.

APPIANI (*á parte*)

Infeliz mulher ?

CEZAR (*confuso*).

Esta mulher está louca. . . .

LUIZA.

Louca ! Cezar, eu louca ! Ah ! sim, agora com-prehendo-te ! (*para Izabel*) Senhora amanhã Ves-

pucio será morto e depois Luiza Lablas. Eu sei que vós sois obrigada a ter um esposo que não amais, oh! se me vires arrastada para o supplicio, se me vires subir os degrãos do cadafalso, em nome de Deos, tende piedade de Domenico Lablas, do pae de Luiza a desgraçada, protegei o em nome de Deos (*para Cezar*) Homem cobarde e vilão ruim, eu te despreso, (*para Antonelli*) Senhor mandai, que a execução seja breve, que com a morte me fareis feliz. (*para todos*) E vos que me ouvistes, invocai a Deos pela mulher traida, que Cezar Devechy abysmou na desgraça.

ANTONELLI.

Prendei a (*os soldados agarrão Luiza*) levai a, que seja metida em ferros, até que ordene o destino que deve ter. (*aparte*) Talvez obtenha em confissão os cúmplices que a incitarão a commetter esta acção.

IZABEL (*para Luiza áparte.*)

Senhora, eu vos protegerei.

LUIZA (*entre soldados.*)

Cezar, completa a tua obra, vai ser o meu algoz... deixai-me... oh! soldados do disputismo... um dia a liberdade vos suplantará... e tú, Cezar Devechy, serás fulminado nos abysmos do inferno!...

ANTONELLI.

Levai a, arrebatái-a da minha presença.

LUIZA.

Deos de misericordia, valei-me!

SCENA II.

Ditos, menos Luiza, Soldados.

ANTONELLI.

Cezar e Izabel, não sirva de mão presagio esta mulher tresloucada que nos veio consternar; e vós, meus amigos (*ouve se dentro muzica*) continuac nas festas que de todo meu coração eriei para festejo dos noivos. Acompanhai-me.

SCENA III.

Izabel e Cezar.

IZABEL (*com impeto.*)

Cezar, Luiza não morrerá.

CEZAR.

E Vespucio?

IZABEL.

Cezar Devechy, tremei da colera de uma Antonelli! Luiza embora preza, fique, mas que não morra é esta a minha vontade.

CEZAR.

Senhora, ha pouco reprehendestes-me por que ainda não éras minha espoza, para prestares me con-

tas, agora Izabel deveis obdecer-me. Quisestes a liberdade de Vespucio, do vosso amante do vosso galanteador, ah! Se a ambição me obrigou a ser vosso esposo contra a vossa vontade, a honra do vosso marido ordena que lhe presteis conta de vossos actos; Vespucio não será livre, e Luiza. . . .

IZABEL.

Se tivesses poder para tanto por certo curvar-me-hia a vòs, mas o cardeal já mandou libertal-o.

SCENA 13,

Ditos. Antonelli.

ANTONELLI.

Sim Izabel, Vespucio não morrerá fuzilado, o veneno substituiu aos arcabuzes; elle já não vive!

IZABEL.

Grande Deos!

CEZAR.

Foi completo o meu triumpho!

IZABEL.

Cezar Devechy, Izabel. . . .

ANTONELLI.

Minha filha!

CEZAR.

Acaba!

IZABEL.

É mãe ! *(cae desmaiada)*.

ANTONELLI.

Vergonha eterna !

CEZAR.

Maldição !

(Ouve-se a musica dentro).

FIM DO 2º ACTO.

ACTO 3.

A LIBERDADE.

O theatro mostra salla simples de uma prisão; grades por toda a parte e no centro do tablado vê-se uma grade que fecha a entrada de um subterraneo.

SCENA I.

Gabriel. *(com uma lanterna).*

Deos nos acuda! Chegou finalmente o dia de juizo para Napoles e, o dia final para Francisco II! Ninguem se pode entender na cidade! Soldados de um lado, povo do outro; este quer a liberdade e dà vivas a Garibaldi, e aquelles talvez queiram a Francisco II, mas por certo não dão vivas ao despotismo! Quem deseja servir com o jugo despotico? medindo seos actos, suas accões... ah! é abominavel! Hontem Francisco II abandonou Napoles, aconselhado pelos diplomatas estrangeiros e dirigiu-se a Capua ou Gaeta. Levou tres ministros, entregando a capital de seu reino a Liborio Romano, que é ministro do interior. Pobre rei! Tão joven teve de pagar os erros dos seus maiores. Antes fugir que calir nas mãos dos inimigos! Carlos I e Luiz XVI deram bons exemplos aos testas coroadas e... mas que te importa a ti que Napoles seja deste ou daquelle, logo que não é tua? *(ouve-se gritar fôra)*

FÓRA (*do lado esquerdo*)

Viva elrei Francisco II. . . . Viva!.. Viva!..

GABRIEL.

Sim! Dão vivas ao rei que morreu para os reinos das Duas Sicilias e Napoles!

FÓRA (*do lado direito*).

Viva Garibaldi! Viva a liberdade! Viva!!!

GABRIEL.

Isso, dá-lhe que são lazarones! Eu estou vindo decidir-me por estes! Certamente o dia 6 de setembro de 1860 não será riscado da memoria de Francisco II, e elle será sempre de dolorosa recordação para o rei cahido! O ultimo dos Bourbons baqueou e rofou por terra, depois de ter dominado essa familia 120 annos! Por S. Genaro, que era já tempo de dar lugar a outra. Hoje é dia dos Santos dos conegos regrantes. . . um. . . um. . . elle parece ter novo sol, novo despontar no horizonte! . . . O dia de Santo Anastacio foi cruel para Francisco II, que pela ultima vez disse adeos ao throno, a corte, ao Vesuvio, e ao Etena de sua capital. Já me ia esquecendo o que me trouxe aqui! (*abre a grade do subterraneo*) Quero dar a estes infelizes presos um alegrão de morte! Tenho pena desse velho que os annos e a má habitação tem acabrunhado. Ha doze annos que está prezo e ha doze annos que sempre me falla de sua filha e em Cezar Devechy, antigo capitão napolitano ao serviço de Roma. Pobre Domenico! Elle terá a liber-

dade, mas, poucos annos de vida lhe podem restar para a gozar. Ao despontar do dia 7 de setembro de 1860, aurora risonha surgirá para os presos e Lablás que desde 1848 geme sob o peso dos soffrimentos, que o carcere, que o prende, lhe agglomera no coração!.. Ora vamos! Elle hade sentir grande emoção, quando eu o animar com esperanças de liberdade. (*vai para descer*).

SCENA 2.

Gabriel, Official Lafit, Soldados.

OFFICIAL LAFIT.

Em nome de Liborio Romano, ministro secretario do interior do reino de Francisco II, guardai os presos a vosso cargo com todo o rigor que as leis do estado ordenão, e a vossa cabeça responde por qualquer delles, que por ventura se evada ou que dê demonstracões de sympathia pela causa gari-baldina.

GABRIEL (*na mesma posição*)

Bem vedes Senhor official, o dia não pode tardar, eu ia passar revista aos carceres dos presos, para certificar-me que durante a noite nenhum delles se evadio.

OFFICIAL LAFFIT.

Estes soldados irão comvosco; podem conservar-se durante o dia nos subterraneos, vigiando os presos que não se revoltem contra vós e contra o rei, nosso amo.

GABRIEL.

Elrei já não está em Napoles.

OFFICIAL LAFIT.

Liborio Romano representa Francisco II, Senhor Gabriel. Tenho-vos dado as ordens que pelo proprio ministro me forão dadas; sobre vós pesa a responsabilidade do que por ventura sobrevier, adeos Senhor Gabriel. (*vai-se*).

GABRIEL (*descendo*).

São Genaro. . . . (*desce para o subterraneo com os soldados*).

SCENA 3.

O theatro representa grande subterraneo de abobadas, tendo uma longa escadaria de pedra que se eleva ao fundo até as bambolinas, grades de todos os lados, com numeros nas lombrias. **Gabriel**, vem descendo a escada com os soldados.

GABRIEL.

As chaves do céu serão mais pesadas porem, menos cheias de responsabilidade! Se eu fosse garibaldino estaria preparando-me para entrar em Napoles e não desceria estes degrãos de pedra que me conduzem a uma atmospherã quente e humida! A! eis me finalmente nas brenhas da terra. (*para os soldados*) Vme. ficará debaixo daquelles arcos de sentinella ao preso que tentou matar a

Francisco II; Vmc. daquelle lado opposto, (*os soldados vão para os logares designados*) e Vmcs. já lhes dou destino. Vamos dar ar mais puro ao pobre velho Domenico. (*abre o primeiro carcer*) Oh! lá, então ainda se dorme?

SCENA 4.

Ditos , Domenico (*bastante velho.*)

DOMENICO.

É dia ou noite? Nesta sepultura, em que Fernando I me encarcerou, e seu neto me conserva ainda, não penetra a luz do dia, e o ar não refresca a atmospherá carregada que sempre respiramos. Isso que tem? Cezar Devechy certamente estará feliz e talvez tenha chegado a ministro. Meu Deus, como tenho resistido tantos annos nesta prizão insalubre?

GABRIEL.

Ficai aqui um pouco. (*baixo*) Eu já volto para dar vos boas novas. . . .

DOMENICO (*alegrando-se*).

Morreu Cezar?

GABRIEL.

Não. (*põe a lanterna sobre uma pedra*).

DOMENICO.

Luiza vive?

GABRIEL.

Ignoro.

DOMENICO.

Ah! nada mais me interessa neste mundo!

GABRIEL (*para os soldados*).

Segni-me.

SCENA 5.**Domenico.**

Qual será a nova que Gabriel tem, que me possa interessar? Ignora se Luiza vive! Se Cezar é morto!.. Por ventura Garibaldi tenta tomar Napoles? Apoderado de Palermo julga assenhorear-se da capital e de Francisco II? Não creio! Cãtula de escravos defendem o despota que os manda açoitar!... Tenho esta cabeça em chamas!.. Luiza!... Se eu ainda te visse!... Se ainda te apertasse em meus braços com toda a força do amor paterno, desterrado, longe, sem te vêr, nem te ouvir!.. ha doze annos!... Ah! para que alimentar esperanças vãs? Talvez que seu corpo já tenha sido pasto dos vermes, e sua alma de anjo cerque o throno do Senhor! Luiza morta! Ah! Ainda me parece vêl-a desmaiada, ... só, descalça, de porta em porta, talvez, mendigando o pão para subsistir! Ella!... a filha unica!... Luiza!... pobre,... miseravel,... coberta de andrajos e morrendo de fome! (*ajoelha*) De-

os todo poderoso, Vós, que do alto dos céos tudo vedes, se Luiza vive, guiai seus passos na carreira da vida e conduzi-a a morrer nos braços de seu pai. . . . (*erguendo-se*) Luiza! (*andando tremulo*) Luiza! . . . Grades por toda a parte. . . . Ninguem me responde! . . . Ah! meu Deos dai-me a morte.

SCENA 6.

Domenico, Gabriel.

GABRIEL.

Fallaveis em morrer! Certamente sois um caduco. Domenico, prometti dar-vos uma boa nova, ora os vossos companheiros já a tiverão, agora vós.

DOMENICO.

Grande Deos, valei-me.

GABRIEL.

Elle vai ouvir-te. Saberás que Napoles está livre de Francisco II. . . .

DOMENICO.

O que dizes ?

GABRIEL.

Esse rei que indeferio as tuas petições de graça, hontem deixou Napoles, o throno, o palacio, e partio com destino a Capua ou Gaeta.

DOMENICO.

Ah! vós que me dicestes ha dias, que Garibaldi se tinha apoderado de Palermo, vindes assegurar-

me que o herdeiro do reibomba fugio de Napo-
les, dizei me : Garibaldi. . . .

GABRIEL.

Deve entrar pela manhã na cidade.

DOMENICO (*alegre*)

E os exercitos de Francisco II?

GABRIEL.

Teem desertado para as fileiras dos deffensores da liberdade. Elrei Victor Emanoel, e seu ministro Cavour fornecem a Garibaldi elementos de guerra, e a Inglaterra protege a causa da liberdade escandalosamente. Parma, Milão, Modena, Toscana, Bolonha, a Lombardia e outras cidades da Italia, tem-se incorporado ao Piemonte adoptando Victor Emanoel por seu rei legitimo.

DOMENICO. (*exaltado*).

Bem dita a hora em que Garibaldi deu o grito de liberdade! Ah! despotas que cercaes a Italia, não é a guerra de 48 que se levanta, não, é a guerra gigante, do povo livre contra o despotismo.

GABRIEL.

Não vos exalteis tanto, tenho ordens crueis contra qualquer preso que der demonstrções de adherir á causa de Garibaldi.

DOMENICO.

Quem governa Napoles?

GABRIEL.

O Senhor Liborio Romano, ministro do interi-

or. Elle fica, dizem, para capitular a praça com Garibaldi. A esquadra garibaldina já está á vista da cidade e por mar e por terra o fogo romperá, se Napoles resistir.

DOMENICO.

Francisce II temeu calcar com os reaes pés o cadafalço a que outros monarcas tem subido, fez bem em se evadir, eu lhe perdôo o mal que me tem feito.

GABRIEL.

Sua Santidade está temendo perder o poder temporal e Roma sua capital.

DOMENICO.

Ah! E de Cezar Devechy nada sabeis?

GABRIEL.

Cezar Devechy perdendo Bolonha acha-se ás ordens do general francez que defende Ancona.

DOMENICO.

Sinto o fogo da vingança reanimar-me o coração já quasi amortecido! Ah! a liberdade! A liberdade! Garibaldi, corre, vem, salva dos ferros oppressores o teu companheiro d'armas, que mais um soldado contarás em tuas fileiras.

GABRIEL.

Moderá esse nobre entusiasmo. Já vos dice que ordens terriveis tinha a executar contra qualquer preço. . . .

DOMENICO.

Entendo, entendo, . . . Ah! serei mudo como uma estatua, guardarei silencio como um tumulo.

GABRIEL.

Ficai, breve voltarei a dar-vos noticias.

DOMENICO.

Ah! ide, meu generoso amigo, ide.

GABRIEL.

Deos fique com vesco. (*Sahe pela escadaria.*)

SCENA 7.

Doménico.

Garibaldi de volta da America para libertar sua patria! Ah! quando suppuz ver a Italia independente? Cezar Devechy em Ancona! Ah! se eu fôra livre! Não ainda sinto o ar abafado destas arcadas que me prendem! Cezar Devechy os diabos te protegem! (*indo ao fundo*) Soldados de sentinella pelos carcerees!.. Ah! Liborio Romano é previdente. . . . Quantas ideias me sobem a cabeça! Já me julgo livre! Já me considero à face da revolução combatendo o despotismo! Meu Deos dai-me a liberdade para por ella derramar meu sangue, dar minha vida.

SCENA 8.**Domenico, Gabriel.**GABRIEL (*descendo apressado.*)

Domenico! . . . Domenico! . . .

DOMENICO.

Acaba.

GABRIEL.

Garibaldi já é dictador de Napoles, e Liborio Romano capitulou!

DOMENICO.

Ah! serei livre!

GABRIEL.

O estandarte piemontez fluctua nas fortalezas de Napoles.

DOMENICO.

Viva a liberdade!

GABRIEL.

Està entregue da cidade o Snr. Srtori encarregado por Garibaldi de tomar conta da capital de Francisco II.

DOMENICO. (*alegre*).

Ah! o prazer mata-me! . . . Gabriel! em nome de Deos. . . ah! dai-me, dai a liberdade a esses desgraçados que enchem as prisões de Napo-

les!... ah! (*ajoelha*) é de jaelhos que te imploro, tu que sempre tens sido humano e generoso para Domenico, em nome do dictador Garibaldi, libertai aos infelizes que te hão de abençoar toda a vida! tu choras!.. já tens o coração commovido!.. tua alma bem formada não resistirá ao impulso do teu coração liberal (*levanta-se*) Dai-me dai-me essas chaves; sobre mim caiam os rigores dos despotas (*tira as chaves do cinto de Gabriel que está perplexo*) Ah! companheiros do infortunio ideis ser livres. (*vai para os carcerees.*)

SCENA 9.

Gabriel.

Eu me perco! Sinto frio suor correr-me pelo corpo!.. Ah! S. Genaro, vinde em meu soccorro.

SCENA 10,

Gabriel, Domenico, Prezoz.

DOMENICO.

Eis Gabriel, o nosso libertador,

PREZOS.

Viva a liberdade! Viva... Viva...

SCENA 11.

Ditos, Official Lafit, Soldados (*descendo.*)

OFFICIAL LAFIT.

Soldados prendei a Domenico Lablás.

DOMENICO. (*entre os soldados*)

Despotas, o vosso reinado cahio.

OFFICIAL LAFIT.

Gabriel, Liborio Romano vos ordena que chegueis a sua presença.

GABRIEL (*á parte.*)

Domenico, eu te salvarei. (*Vai-se.*)

SCENA II.

Ditos, menos Gabriel.

OFFICIAL LAFIT.

Domenico, em nome de Francisco II. tendes de ser fuzilado. Aproveitai os poucos instantes que vos restam para encommendar vossa alma a Deos.

DOMENICO.

Infame algoz de um rei sem throno! Eu te despreso! Qual é meu novo crime? Companheiros de prisão, em nome do dictador Garibaldi: viva a liberdade!

PREZOS.

Viva!

OFFICIAL LAFIT.

Soldados, seja atado a grade de seu carcere para receber o castigo que em nome do nosso rei e Senhor tendes de executar. (*Os soldados amarrão Domenico a grade.*)

DOMENICO.

Instrumento de crimes ! eu te reconheço ! Fostes tu que a doze annos me conduziste em nome do rei bomba, para este subterraneo, és tu ainda official, sem brio, que representas o papel de algoz ! Francisco II em sua fuga, sepultou o despotismo, que uma falsa constituição por elle dada na hora do perigo, pretendia occultar as iras do rei despotico !. . Ah ! de tudo estou informado ! Mata-me sim, . . eu não temo a morte ah ! antes de saciares a tua sede de vingança, dize-me: qual he o novo crime que me conduz a ser fuzilado ?

OFFICIAL LAFIT.

Esqueceste Cezar Devechy ?

DOMENICO (*rugindo com furor.*)

Cezar Devechy !

OFFICIAL LAFIT.

Uma denuncia delle contra ti, obrigou a Liborio Romano ordenar a tua morte, antes que a cidade de Napoles seja livre !

DOMENICO.

Napoles já é livre. Ah ! O covarde teme da justa vingança de Domenico ! Senhor, eu estou prompto, venha a morte ! Luiza, minha filha ! adeos !

OFFICIAL LAFIT.

Soldados ! (*os soldados estão promptos frontei-*

*ros a Domenico.) Em nome de Francisco II. . . .
(vão elevando as armas, descem pela escadaria
soldados garibaldinos seguindo Gabriel.)*

SCENA 10.

Ditos, Gabriel, garibaldinos.

GABRIEL.

Viva a liberdade!

TODOS.

Viva a liberdade, viva a liberdade!

OFFICIAL.

*Soldados, defendei-vos. (Trava-se um pequeno
combate, alguns tiros são disparados de parte a
parte, Lafit rola morto aos pés de Domenico.)*

GABRIEL.

Rebeldes! Traidores! Ah! Que vejo! Domenico!
(*sottando-o*) Em nome de Garibaldi estaes livre.

PREZOS.

Viva Garibaldi! Viva! viva!

DOMENICO. (*enthusiasmado*)

Garibalde, tú és o meu Anjo da Guarda!

GABRIEL (*lendo um papel.*)

Em nome de Guiseppe Garibaldi, Dictador das
Duas Sicilias e Napoles, estão livres todos os pre-

sos que estiverem nos carcerees de Napoles; seião quaes forem os seus crimes. Assignado: G. Garibaldi Dictador, e seus ministros: Antonio Ciccoreani, José Dexanelli, Henrique Cosini, Raphael Conforte, March Rodolfo d'Afflieto, Antonio Scialvia, e Liborio Romano. Cumpra-se—Sistori. Viva Garibaldi!

TODOS.

Viva! viva!

GABRIEL.

Viva Victor Emmanuel!

TODOS,

Viva! viva!

DOMENICO.

Viva a liberdade de Italia!

TODOS.

Viva! viva! (*Saheui correndo*)

DOMENICO.

(*Chegando-se a Lafit tira-lhe os adornos militares, reeste se com elles e desembainha a espada.*) Luiza! Luiza! Vaes ser vingada! Cezar Devechy, Domenico escapou ainda a este golpe, a tua ultima hora vai soar, treme, treme da minha vingança. (*Corre atras de todos.*)

TODOS.

Viva a liberdade! Viva Garibaldi!

FIM DO 3º ACTO.

ACTO 4.

A FUGA.

Grande fortificação de Ancona. Grossos canhões adornão as baterias, que figurão pela parte interior. Apetrechos de guerra aqui e ali, ao accazo pela praça e em roda de uma peça de artilheria, sentados em tambores, estão Lamoriciere, Cady e Cezar Devechy.

SCENA I.

Lamoriciere, Cezar, Cady.

LAMORICIERE.

Senhores, reuni-me a vós, para salvar ainda Roma dos ataques das tropas piemontezas e garibaldinas, commandadas pelos generaes Cialdini e Fanti, que bravos e ouzados derrotarão-nos em Macerata. Perto de 40 mil homens se confundirão no combate e 600 homens perdemos cahindo ferido e moribundo em poder dos inimigos, o chefe do estado maior, Conde de Penonda ! A substituição, por vós, Cezar Devech, é satisfactoria, e Roma não perdeu na troca. A felicidade nas campanhas que sempre tive nas terras d'Africa, não corresponde com a sorte que mais de uma vez tenho suportado na guerra de Victor Emmanuel. Napoles capitulou; Francisco II refugiou-se em Gaeta, e os exercitos do rei Victor Emmanuel dirigem-se para essas praças, ultimos bastiões, em que a bandeira de Bourbon se

desfralda ao vento. A porta-pia nos foi tomada pelos sitiantes e a esquadra Napolitana, encorporando-se com a Piemonteza ancorão no porto de Ancona debaixo do commando do intrepido Almirante Pisano, e o bombardeamento será por mar e por terra. O desanimo dos nossos soldados atemorizame; quando entrei nesta praça, sem ter sido obstado pelos piemontezes, achei o descontentamento em todos! O cerco que nos fazem se estreita de momento a momento! O canhão das baterias piemontezas não sessa de dizimar nossos soldados, que morrem sem combaterem! O depozito da pólvora, o incendio levou-o pelos ares, os nossos recursos estão com nosco, é o nosso valor. Refleti senhores, que seria melhor para a idéa que defendemos, que Ancona capitule e que vós partais a defender Francisco II, agonizante em Gaeta.

CEZAR.

General! Uma capitulação sem um vivo combate é covardia que mostram os capitulados, e só depois de algúmas horas de renhida peleja, admitto e mesmo apoio a capitulação, antes permiti que vos observe, senhor Lamoriciere, que Pio IX confiando em vós os seus exercitos, não foi para entregar a Romania aos inimigos.

LAMORICIERE.

Quereis ainda mais renhido combate do que esse em que corrido entrastes em Ancona? Cezar Devechy, poupar o derramamento de sangue, a perda de vidas inutilmente sacrificadas, entrão nos

calculos de todos os generaes francezes. Ancona não pode resistir ao assalto das tropas de Cialdini, e debalde faremos os esforços que quizermos.

CADY.

General, vós sois o chefe de Ancona, o que fizerdes, approvo desde já. Quando offerecestes a vossa espada gloriosa em favor de S. Santidade, não era para manchal-a com nodos infamantes, não; vós tendes pericia e coragem e sois um dos bravos defensores da França.

LAMORICIERE.

Ufano-me com os vossos elogios, e grato se-rei ao coronel Cady pela confiança que deposita em mim,

CEZAR (*confuso.*)

Perdão general. A confiança que o coronel deposita em vós, deposita toda a Romania. Quizera que me pintasseis com as côres verdadeiras o painel da nossa situação. Prevejo que elle é terrivel e que temos tres meios a empregar: capitulação, fuga ou morte. Como dissestes, general, ainda podemos ser uteis a Francisco II que vê sua corôa rolar aos pes de Victor Emanuel, tendes meo voto pela capitulação. Ancona rende-se como Pesaro, aonde Cialdine tomou 1200 allemães, e o seu general, monsenhor Bella, que fôra preso para Turim. Ancona será de Fanti, como Perouse foi, aonde este general prendeu 1600 homens entre os quaes o famoso general Schmid. Spoleto foi to-

mada por Cialdini, com toda a guarnição de 600 Inlaudezes e assim, Ancona e seu general e alguns milhares de soldados será presa de Cialdini e Fanti.

LANORICIERE.

Cezar, Roma está defendida pelas tropas que o imperador Napoleão III enviou a S. Santidade, para proteger a pessoa do papa, e o general conde de Goyon tomou o commando da cidade de Roma, elle saberá defender melhor do que nós o throno de Pio IX. Não é só na victoria que se tem gloria, na derrota colhem-se muitas vezes loiros honrosos. Quem combateu em Castel-Fedardo, com pouco amor a vida, pode bater-se em Ancona e morrer no campo da batalha, mas isso seria meritorio se d'ahi resultasse vantagens para Roma; ao contrario, é mais um punhado de defensores, que inutilmente se estangulam e desbaratam enraivecidos pelo desespero de sua derrota. E' o que eu não quero e não devo consentir. Coronel Cady, (*erguendo-se*) ide estar a testa dos vossos soldados, e vós, Cezar, velareis nesta praça, procedendo com toda a moderação. Seja arvorada a bandeira branca e Ancona capitule.

GOSSA A
GOSSA A

C'ezar.

Capitular! Ah! o que não dirá o Cardeal Antonelle? Ancona nas mãos dos piemontezes. . . . e estes as portas de Roma! Infame Garibaldi, que d'A-

merica voltastes com o facho da revolta na mão, e ensendiastes a Italia com o senhor de Cavour ! Victor Emmanuel proclamado Rei de Napoles, breve será em Roma ! E o que será de Antonelli ? E de Izabel ? Izabel ! Morta para o mundo, enclausurada no convento das Lagrimas, ella a onze annos vive sem outro consolo que o pranto apaixonado ! Muito amára a Vespucio, para tanto sacrificio ! E Luiza não me amára assim ? Luiza ! Oh ! sinto agora os remorsos dos meus crimes ! Trahi a filha, trahi ao pai ! Oh ! quantas torpezas na minha vida ! Socorrido por Lablas, esvaído em sangue ha 12 annos, fôra eu victima do rapto escandaloso de uma infeliz menina que apaixonadamente me amou ! Tentei roubar-a, mas seus irmãos descobrirão meus planos e vierão-me ao encontro, deixando-me como morto na estrada de Napoles ! Domenico passára e me salvou a vida ! E o que fizestes em paga, Cezar Devechy ? Seduzistes a filha, deshonestastes o nome de Lablas e trahistes aquelle que te salvara da morte ! Oh ! isto é horrivel ! Levado pela ambição de grandeza segui o carro de Izabel esperançado de trilhar a vereda da fortuna conseguindo esposarme com a filha de Antonelli. A ambição deu-me força, animo e valor, e fiz prodigios na defeza de Roma em 48, obtendo depois a mão de Izabel ! Mas a minha bôa estrella offuscou-se e frouxo pallor dardeja seus raios de luz ! Izabel comprada em troca de tantos crimes, de tantos sacrificios e riscos, Izabel era uma mulher impura, uma amante de Vespucio, seu unico possuidor ! Com este segredo de sua deshonor e da minha e o da vergonha do

Cardeal, obteve entrar no dia seguinte ao das nupcias para o claustro das Lagrimas de Roma! Luiza que Antonelli encarcerára na noite que Vespuccio fora envenenado, fora arrebatada das prisões de Bolonha sem que o Cardeal descobrisse vestigios de sua fuga! Ah! a sorte vai se tornando aspera e cruel para mim! Appiani e Pazini suspeitos para Antonelli forão prezos, Appiani evadira-se, mas Pazini murrêra as minhas ordens! Ah! E' a sua maldição na hora da morte que peza sobre minha cabeça sobrecarregada de crimes!

SCENA 3,

Cezar, Lamoriciere.

LAMORICIERE.

Cezar, um correio trouxe novas de Roma; S. Santidade pretende abandonar sua capital e seguir para Hespanha: é mal calculado! Antonelli pensará melhor e Pio IX não deixará o Vaticano ainda. Entre a parte de Antonelli, esta carta veio para vós (*dá a Cezar uma carta,*)

CEZAR (*recebendo a carta.*)

Uma carta de Roma, é sem duvida do Cardeal Antonelli.

LAMORICIERE.

Coronel, o que ha de novo pela praça? Sabeis que Lamoriciere tem reflectido, e resolvido enviar um embaixador ao acampamento de Cialdini.

CEZAR.

O fogo dos sitiantes pouco é dirigido para aqui; o coronel Cady lucta com maiores difficuldades na parte que tem a seu cargo.

LAMORICIERE.

Continuai, armado de prudencia, coronel, que de todo Roma não estará perdida (*sae pelo lado opposto. Ouvem-se tiros de canhão, espaçados*).

SCENA 4.

Cezar.

Uma carta de Roma! O que me dirá o Cardeal (*abre e lê*) « Cezar Devechy, ainda muito aborre-
« cendo-vos, não quero comtudo ter remorsos de
« que morrais traicoeiramente, como fizestes mor-
« rer Vespucio. Ha onze annos e dois mezes que
« vos não vejo e detesto-vos como da primeira vez
« que vos vi! Sabei que recolhendo me nos claus-
« tros do convento das Lagrimas, trouxe commi-
« go Luiza, que a troco do segredo de minha des-
« honra, consegui de meu pai Antonelli, a sua fu-
« ga, e commigo chorava a nossa desgraça pas-
« sada. O Cardeal fingio não descobrir Luiza La-
« blas, que fora arrebatada da prisão de Bolonha,
« tendo certeza que ella existia com sua filha no
« claustro das Lagrimas. Com a guerra que de no-
« vo se seguiu na Italia. Luiza tornou se outra, o
« abandono, em que a dôr a submergira, desapare-
« ceu, e um fogo como celeste reanimou-lhe o cor-
« po, reviveu-lhe a alma e deu brilho a seos olhos

« amortecidos de chorarem, e uma esperança de
 « vingança concebeu seu coração que nunca vos
 « perdoou! Luiza Lablás desertara do convento
 « com a nova de ter Garibaldi tomado Napoles e
 « de que Cialdini atacasse a cidade de Ancona que
 « sabe deffendeis. Ella corre a vingar seu pai,
 « tremei, coronel Cezar das iras de uma mulher
 « cheia do espirito de vingança. —A abbadeca
 « Izabel!» (*representando*) Izabel generosa
 para com aquelle que odeia! Ah! Luiza tenta vin-
 gar seu pai! Desgraçada! Eu sube livrar-me desse
 velho nas prizões de Napoles. Em nome de Fran-
 cisco II nos carceres de sua prizão, deve ter mor-
 rido como traidor do Estado! Luiza, Luiza, tu es-
 capaste do veneno a que Vespucio succumbira! Mu-
 lher arrojada, que concebe planos de vingança!
 Vingança! E sabe a mulher porventura vingar-se?
 Talvez que victima das ballas dos nossos soldados
 tenha deixado a vida nas columnas inimigas! An-
 cona vai capitular, e se Luiza vive! oh! cumpre-
 me ensinal-a a ter menos ousadia.

SCENA 5.

Cezar, Lamoriciere.

LAMORICIERE.

Tudo tenho determinado. Palmiro capitão dos lanceiros, enviei a tenda de Cialdini. A bandeira de paz ergui no mastro do forte! Ah! quanto me custa capitular (*meditando*).

CEZAR (*á parte.*)

Antes morrer do que Ancona render-se sem um combate sanguinolento, que me sepulte no pó da terra, ou me deixe evadir por entre os combatentes a defender Francisco II em Gaeta. (*alto*) Pensais no acto que ides praticar General? Elle é justo. Remorsos não vos devem ficar desta capitulação. A noite torna-se escura! Certamente o nosso enviado obterá de Cialdini uma honrosa capitulação, detendo que no escuro da noite não sejamos atacados pelos seus soldados.

LAMORICIERE.

Ah! As condições da capitulação são todas dignas de nós.

CEZAR.

Deixai-me, general, observar as baterias; em tempo de guerra tudo transtorna ao melhor plano de combate. Cialdini não aceitando as nossas condições, as nossas peças de 36 carregadas a Mariazell não deixarão de servir.

LAMORICIERE.

Coronel, examinai se os nossos valentes e firmes soldados estão a postos. Uma capitulação espontanea, facil é em depor as armas, mas na luta, envoco o nome de Santa Genoveva e a sorte da guerra que decida, qual é o vencedor qual o vencido.

SCENA 6.**Lamoriciere.**

Continuado bombardeamento ! Um fogo infernal que dardeja mortes por toda parte, vomitão os grossos canhões piemontezes ! A guerra começada em Zolfirino, tem de findar em Roma; Garibaldi que déra impulso a guerra de Napoles, no retiro de Caprera descança das fadigas da victoria, entregando o reino de Francisco II a Victor Emmanuel, que em Palermo vai entrar em Napoles ! O vulcão faz a sua erupção, forçoso é curvarmos ao fogo de suas ardentes lavas ! (*ouve-se fogo de um canhão perto*) Grande Deos ! O que é isto ? Ah ! um tiro de artilharia contra Cialdini no momento que pedimos paz ! .. ah ! Está tudo perdido.

SCENA 7.**Dito, Cezar.****CEZAR** (*correndo.*)

General, os piemontezes atacão ! Já pretendem escalar as muralhas, ah ! corramos ! .. expulsemos esses ousados que repellem pela força a proposta que lhe fizeste.

LAMORICIERE.

Cezar, quem deu o tiro de canhão dos nossos fortes ?

CEZAR. (*confuso*)

Ah ! a imprudencia de algum soldado.. General

em quanto é tempo salvai Ancona. (*ouve-se rufarem tambores, descargas de mosquetaria e estampido dos canhões, acompanhados de viva a Italia e Victor Emmanuel*) Ah! Terrível combate se vai dar, partamos!

LAMORICIERE.

Seja Ancona o theatro de um drama de sangue! que procurei salvar de ser derramado. (*vão-se.*)

SCENA 3.

Cady, soldados.

CADY.

Avante!.. Por S. Pedro avante! (*os soldados sobem as baterias; o inimigo aproxima-se a Cady nas baterias*) Sentido! Elles dirigem-se a nós! ah! São Jorge nos ajude! fogo! (*os soldados disparão, travão se os combatentes, escalão-se as muralhas, Cezar vem do lado correndo.*)

SCENA 9.

Cezar, Cady (*nas baterias.*)

CEZAR.

Ah! Tudo está perdido! Cialdini e Fanti são uns dragões a combaterem! Luiza, debalde procurareis em Ancona a Cezar Devechy. Ah! fujaamos! Francisco II, corro a morrer com a tua realza (*fo-*

ge. Os piemontezes vem descendo as baterias trazendo os soldados de Lamoriciere de vencida, e Cady sustenta a campanha, entra Lamoriciere com a bandeira branca na mão e a espada na outra.)

SCENA IO,

Ditos, Lamoriciere.

LAMORICIERE

Em nome de Victor Emmanuel, suspendei. Cialdini houve por bem receber a capitulação da praça. Soldados do Santo Pontifice, deponde as armas em nome de S. Santidade. (*Os soldados depõem as armas. a guerra cessa e Luiza vestida de militar entra pelas baterias de espada nua, percorrendo toda scena.*)

SCENA II.

Ditos, Luiza.

LUIZA.

General Lamoriciere, onde está Cezar Devechy ?

LAMORICIERE.

Fugio !

LUIZA (*enthusiasmada.*)

Ah ! a minha espada o ha de fulminar. Soldados, corramos a Gaeta ! Viva Victor Emmanuel, Viva a liberdade da Italia.

TOBOS.

Viva ! Viva ! Viva !

(*Lamoriciere descobre-se e cae o pano.*)

FIM DO 4º ACTO.

ACTO 5.

A VINGANÇA.

Salla simples e modesta na quinta de Caposelo em Castellone.

SCENA I.

Francisco II, Milon.

FRANCISCO II.

O governo dos Bourbons deve ficar sepultado nas ruínas de Gaeta. Bem vejo quanto expozestes, Senhor Governador Milon, mas admira-me bastante, que 11000 homens que ainda temos, fortificados como estamos, não possam resistir ás tropas de Cialdini! A guerra; que o Sr. de Cavour deu começo em Magenta e Zulferino, deve terminar, aniquilando o meu throno e de Sua Santidade, deslocando os ducados de Toscana, Parma e Modena, dos seus legitimos direitos.

O Sr. de Cavour é um habil diplomata; negociou com a França em troca de Niza e Saboia, o exercito de Napoleão III com o Imperador dos Francezes à testa; e contra as tropas tedescas, fez o Sr. de Cavour marchar exercitos de França e do Piemonte. Era necessario dar impulso ás maças, agitar a revolta, o Sr. de Cavour, em Magenta e Zulferino vencedor dos Austriacos, deu protecção ao

aventureiro Garibaldi, que de volta do seu desterro, tornou se chefe dos liberaes, e anarchisou toda Italia, desabando o meu reino em um cahos de mizeria! A França torna-se indifferente a minha derrota, general, porque o procedimento de Luiz Napoleão é incomprehensivel! Em 1848 elle quando presidente de uma republica, a da França, enviou soccorros a Roma, em favor das idéas e principios absolutistas de Antonelli, e graças aos 30000 francezes que apoderarão-se de Roma, S. Santidade voltou ao Capitolio, tendo desaparecido a constituição liberal que, desejava dar aos povos da Romania. Hoje é Napoleão III; é Imperador despotico, protege a victoria dos liberaes! Sr. Governador: a esquadra franceza retirou-se do porto de Gaeta e o Sr. Almirante Pisano, não tardará em incendiar a cidade, com suas bombas inflamaveis, que sua esquadra vomita, como em Ancona fizera. Este passo do Imperador dos Francezes talvez traga a França nova conquista e se o Senr. de Cavour vendeu Nize e Saboia, o excommungado Victor Emmanuel pode dar a ilha Sarda para augmento das possessões francezas! O conde de Goyon em Roma com 20,000 homens de Luiz Napoleão, e para facilitar a entrada dos Piemontezes na capital catholica! Antes a guerra franca, como me tem feito a Inglaterra, que coadjuva aos inimigos da minha corôa a deital-a por terra, do que a imparcialidade da França, como ella tem entendido.

MILON.

Senhor, ainda insto para que V. M. deixe Gaeta.

Tudo está preparado; o navio La Monette está às vossas ordens; dirigi os negocios do vosso reino, de Civita-Vecchia, ou de Munich, mas deixai Gaeta em nome de Deos.

FRANCISCO II.

Senhor Governador, tenho refletido maduramente; morrerei com vosco no combate, mas não fugirei de Gaeta, como de Napoles, não, disputarei palmo a palmo o meu territorio invadido pelas tropas estrangeiras, e embora tenha de ser vencido, restar me-ha a gloria de ter sido bom rei, e bom soldado.

MILON.

Senhor, não sede pertinaz com essas ideias magnanimas; assignai o tratado de capitulação e sabei que, Lamuriciere, Changarnier e outros mais a quem offerecestes o commando de Gaeta, pensarião como Milon e vos obrigarião a retirar de uma praça que não pode resistir ao fogo combinado de mar e terra! Tendes 11000 bravos promptos a morrer por vossa causa, pelo rei de Napoles, mas não deveis sacrificar inutilmente tão valerosos vassallos.

FRANCISCO II.

Governador, tendes medo que Francisco II seja presoneiro de guerra? A historia vos indica que Luiz XVI foi guilhotinado pelo excesso da liberdade dos povos, e vós temeis que Francisco II seja victima dessa mesma liberdade descomedida.

MILON.

Senhor, esqueceis-vos de vossa real esposa ?

FRANCISCO II.

General, intimidais-me ?

MILON.

Quereis que uma fraca mulher suporte os rigores da adversidade ? Ah ! quando Francisco II não deixe Gaeta pelo amor que tem aos seus soldados, dexa-a pelo que deve a sua esposa.

FRANCISCO II.

Victor Emmancel vaes triumphar ! E vós Francisco II o que vos resta ? A fuga ! Capitulaes, quando onze mil homens freneticamente combatem em prol da tua causa ! Capitulaes, quando em teos arsenaes 800 peças ainda não forão estreadas ! Capitulaes ! com 60000 armas, 40000 balas, e 30000 projetis de guerra intactos ainda ! . . Ah ! muito deveis, rei da Sardenha, aos senhores Garibaldi, Cavour, Cialdini, Pianelli, Fanti, e Cozza ! Ah ! prende na mesma corrente em que ataste Napoles e Sicilia, Gaeta que se rende ! Então Senhor governador, sou obrigado a acceitar as condições que Cialdini me impõe para libertar meus soldados !

MILON.

Senhor, Gaeta capitula e somos obrigados a entregar Missina e Civitella del Tronto, para sermos então considerados livres.

FRANCISCO II.

Oh! Quanta humilhação!

MILON.

Senhor, dicide-vos, o tempo corre, e tarde, será se demorardes a vossa retirada, para quando o fogo da esquadra nos fulminar. Lembrai-vos que sois obrigado a defender uma fraca mulher que. . .

FRANCISCO II.

Senhor governador, parto. Entrego Gaeta a vós, capitulai como quizerdes. Antes de partir, oh! quero dizer um eterno adeos aos meus valentes defensores. (*sae*).

MILON.

Deos o guarde para a ventura de seu povo. (*sae*)

SCENA 2.

Grande praça armada da cidade de Gaeta. As fortificações mostram pela parte interior os canhões e os soldados que defendem as baterias da praça. Utensílios de guerra em montões e os soldados crusão de um para outro lado. Cezar está recostado sobre uma peça de artilheria.

CEZAR.

Sinto aproximar-se o termo dos meus dias de negridos de crimes! Ha treze annos que levo a vida atormentando a humanidade!.. O peso dos remorsos torturão-me a alma, enfraquecem me o espirito! Agora já tenho medo! Já temo do máo

fado que me persegue ! Ah ! uma manopla de ferro oprime me o coração , já sem esperanças ! Negros painéis ante meus olhos, de continuo vejo ! Fiel espelho me representa o passado de misérias e infâmias que me horrorisa agora ! E tarde chega o arrependimento ! E' tarde, Luiza , para supplicar-te o meu perdão ! E' tarde, Domenico Lablás, para de joelho implorar a tua compaixão ! Eu vos trahi, enchi-vos de miseria e de opprobrio, e nas prisões em que gemias, fostes assassinado por minha ordem ! Ah ! Covarde que eu sou ! Covarde que temia a vingança de um velho abatido pelos soffrimentos ! (*delirando*) Lafit !.. Lafit ! não descarregues o golpe ! suspende esse novo crime .. oh ! não te abrandas o coração de bronze as lagrimas de um pai desgraçado ?.. Não o mateis !.. Francisco II o quizera perdoar .. ah ! eu não quiz ! Meu Deos ! .. eilo agonisante !.. no seu proprio carcere, lavado em sangue .. morto ! .. Domenico .. falla .. quero ouvir a tua voz bradando por vingança !.. Mudo ! silencioso como a morte ! ah ! Luiza eu assassinei teu pai ! (*senta-se abatido sobre o canhão*) Meu Deos ! dai-me coragem para supportar esta torpe vida , tão cheia de tormentos que per de mais me é pesada ! Pobre Izabel ! Do seu claustro soube perdoar aquelle que ceifou-lhe do coração, uma doce esperança de amor ! Amor ! Tão joven e bella desligada do mundo na mudez do claustro, chora por aquelle que tanto amou ! Amar ! Ah ! Izabel amára Vespucio e eu o fiz matar !.. sim, matei aquelle que, para ser perdoado, Izabel espozara-se conmigo contra a sua vontade ! (*fora de si*) Vespucio !

Ah ! elle brada do sepulchro, com sua voz terrivel, por vingança ! Deixai-me ! (*agitado*) Desertais dos vossos tumulos, victimas immuladas á cêga ambição de Cezar Devechy ! Sois uns fantasmas e fugis das campas para estrangular-me as carnes, com as vossas cadavericas mãos ! . . . Eu sinto febril correr-me o sangue pelas veias ! Vespucio, em nome de Deos, tem piedade de Cezar . . . ah ! teve Cezar piedade delle ? Teve piedade para Pazini envenenado tambem, como Vespucio ? Sombras dos mortos, deixai-me ! O que importa ao valido do Cardinal Antonelli, que vossas feridas abertas pelos punhaes traiçoeiros, gotegem ainda ? Não vêdes o campo coberto de cadaveres ? Ah ! fui eu ! Eu que matei ! fui eu que em Ancona disparei sobre Cialdini um tiro de canhão quando a paz reinava . . . era noite ! Lamoriciere capitalava sem combater ! . . . Eu não podiria fugir para Gaeta . . . disparei a peça ! Meu Deos ! quantas victimas arrastei para a eternidade ! Oh ! spectros negros não me perseguis ! Vêdel Luiza ! E' ella ! Armada de espada como o anjo do juizo final, corre a fulminar-me . . . ah ! não vos temo ! . . . vingate . . . vingate as cinzas de teu pai ! . . . Não tens coragem ? O teu coração foi feito para o amor, Luiza, ah ! elle é generoso, sabe só perdoar . . . tem piedade de Cezar, oh ! elle é digno de compaixão ! (*cahe novamente sentado, recostando o corpo sobre o canhão; ouvem se tiros de artilharia longiquos.*) Ainda ouço o troar dos canhões piemontezes ! E' o fogo infernal que vomitão contra a praça de Francisco II ! E' o terrivel bombardeamento de Cialdini contra Gaeta ! E os for-

tes de Francisco II... Francisco II?! (*como refletindo animado*) Ah! vejo de novo scintilar a minha bôa estrella! Francisco II abandona Gaeta, e deixa a praça para capitular, tendo jurado defendela até a morte! Foge, como fugio de Napoles, como eu fugi de Ancona! A dynastia Borbon cahio na Italia! Ah! se entre os inimigos eu pudesse evadir-me!... Deixaria Gaeta e correria para Roma! O cardeal Antonelli deve salvar-me! oh! ainda a fortuna me ha de proteger! Mas como evadir-me se por toda a parte o cerco inimigo se estreita? Piemontezes e Garibaldinos atacão energicamente os nossos fortes!.. (*alegre*) Uma luz de esperança brilha no meu horizonte! Ah! estou salvo! Cezar! o forte dos capuchinhos pode ser entregue a Cialdini sem necessidade de fogo e de mortes! Ah! tu, que, para te engrandeceres, defendestes Roma, entrega Gaeta para te salvares da morte. Merca-deja a vida com mais uma infamia e arrenega Antonelli, torna-te libertador da Italia que serás um general entre os garibaldinos. Salva-te Cezar, e lança nas chamas da revolução o infernal despotismo! (*vae sahindo, entra Francisco II, Milon, generaes e soldados.*)

SCENA 3.

Cezar, Francisco II, Milon, generaes e soldados.

FRANCISCO II.

Liborio Romano! Liborio Romano! Quanto te pageu Victor Emmanuel pelo meu reino? Por quan-

to vendeste teu rei e Senhor? Traidor, a quem me entregára no governo do paiz! Guiado por Liborio, arrastado fui ao abysmo em qual Romano me precipitou! Throno, sceptro, corôa, povo, reino, tudo perdi! e como martyre dos principios de meus paes, irei bater ás portas de Roma, em quanto Liborio Romano em Napoles receberá a quantia ajustada, pela venda de seu soberano! Dei a constituição aos povos; modifiquei o systema de governo e alterei as leis do reino; quiz a vontade do povo, porem já tarde, Liborio Romano já ouvia o troar dos canhões de Garibaldi nas muralhas de Palermo! (*para os Generaes*) Meus amigos, basta de tantos sacrificios, Gaeta entrega-se como tantas outras praças tem feito, e os vossos esforços são baldados na prezença de Cialdini, que nos ataca com energia e consideravel vigor. Esse habil general estreita o circulo que nos resta e morreremos todos, se nos não rendermos á discrição do vencedor Piemontez, (*os generaes e soldados chorão*) Ah! quando careço de toda a coragem, o vosso pranto m'a vem roubar! oh! deixai-me ser corajoso para fugir, já que cobardemente entrego Gaeta. Vinde, generaes valentes, que em prol do vosso rei tudo tendes sacrificado! Abraçai ao amigo e desthronado rei (*os generaes o abração*) E vós? (*para os soldados*) O que vos detem a todos? Despedi-vos do decahido monarcha, que sabe quanto reconhecimento vos deve. Careço de coragem, não me acobardeis (*os soldados chorão*). Esse pranto espontaneo que vossos olhos vertem, me amofina os espirito e me enternece o coração cheio de amor

da patria e do povo. Parto, mas não desisto de re-
tomar o meu reino. O barão de Winspeare, que
enviei a corte de Turin, está encarregado de tratar
com Cavour da liberdade Napolitana e de perto ve-
larei por vós, meus amigos, meus filhos. Liborio
Romano ama-se a traição, aborrece-se o traidor!
(*os soldados abraçam a Francisco II*) Ah! quan-
to me é doloroso este momento de despedida!
Adeos! Em nome de vosso soberano, da rainha in-
feliz, recebei o adeos de despedida e lembrai-vos
que os vossos nomes, como os vossos feitos, serão
de eterna memoria para Francisco II.

MILON.

Partí, Senhor . . ah! temo que a demora seja fa-
tal.

CEZAR.

Contai, Senhor, com todo o apoio de Cezar De-
vechy.

FRANCISCO II.

Antonelli isso me garante. Adeos.

MILON (*para Cezar.*)

Toda prudencia, a tè que El-rei tenha-se liber-
tado dos inimigos.

SCENA 4.

Cezar.

Pobre rei! O general Bosco mal poderá susten-

tar algumas horas de fogo. O Governador Milon foi o encarregado de dar a fuga a Francisco II. Cezar! põe teus planos em execução! Entrega Gaeta ao General Cialdini e conserva-te coronel nas fileiras garibaldinas. Mostra-te um ontro Tuerr, Bixio e Cosens, que, ao lado de Garibaldi, fizeram-se generaes e renega a cauza que ha muito, te é avessa e precaria. Sim, no forte dos...

SCENA 5.

Cezar, Appiani.

APPIANI.

Esperai, coronel Cezar, quero, antes que fujaes, frustrar alguma traição que meditavas fazer.

CEZAR.

Insolente (*puxando a espada.*)

APPIANI (*calmo.*)

Não me intimidaes coronel Cezar, vós só vos bateis á traição.

CEZAR (*furioso.*)

Quem sois ? !

APPIANI.

Ah ! sou uma victima ha dez annos, escapado de ser morto por ti , algoz de Bolonha, instrumento dos crimes de Antonelli ! Cezar, onde a vossa coragem ? Esse furor guerreiro que o Cardeal tanto ad-

mira em vós, o que fizestes delle? Fugistes de Ancona, como soldado garibaldi entrastes em Gaeta, e dirigi vossos passos agóra para os capuchinhos!.. ah! Cezar, ainda não estaes cansado de seguirdes a estrada da infamia?

CEZAR.

Quem és tu?

APPIANI.

Já não me conheceis, Cezar, sou Guiseppe Appiani, que livrando-se de vós, não pôde salvar Pazini!

CEZAR (*cahindo sobre o canhão.*)

Ah! O inferno se conspira contra mim!

APPIANI.

E' o castigo do céu que bem merecestes.

CEZAR (*delirando*).

Ah! Cezar!.. discestes bem, Appiani—onde está o teu valor?.. pois bem, Cezar vai ser aquelle libertador de Roma. Temei cohortes garibaldinas, eu não temo o fogo dos vossos canhões.. ouvis? E' o povo que esmaga a realeza de Francisco II.. O Rei de Napoles.. fugio.. ah! Gaeta capitula.. silencio.. não ouvis? São os soldados de Garibaldi que tentão escalar as muralhas.. ah! corramos a defendel-as.. corramos.. (*vai-se*)

SCENA 6.

Appiani, Milon.

APPIANI.

Desgraçado, perdeu a razão!

MILON.

Capitão Appiani, onde está o coronel Cezar!

APPIANI.

Correu ás ordens do general Bosco.

MILON.

Francisco II já deixou Gaeta. Ah! morramos por elle, mas seja salvo de morrer connosco. Dizei ao general Bosco, que espero por elle na sala d'armas... e dizei a Cezar que está preso em nome de Francisco II por ter abandonado seu posto.

APPIANI.

Ah! Senhor Governador... Cezar...

MILON.

Desertou? Trahió-nos?

APPIANI.

Não Senhor, mas...

MILON.

Vós occultaes os erros de Cezar!

APPIANI.

Senhor, Cezar perdeu o juizo.

MILON.

Grande Deos! O melhor, o mais bravo defensor de Ancona! Appiani conduzi o coronel Cezar a minha presença.

SCENA 7.**Milon.**

Tudo tenho determinado . . assigne-se essa capitulação ignominiosa para Francisco II—mas salvesse o exercito Napolitano de ser exterminado pelos inimigos da patria. (*passão pelo fundo homens carregados em padiolas por soldados.*) São os feridos que vão para os hospitaes. Coitados ! Se eu lhes pudesse ser bom . .

SCENA 8.**Milon, Appiani.**APPIANI (*correndo.*)

Senhor ! os garibaldinos atacam os capuchinhos . . o general Bosco vai dar batalha . . ah ! (*ouvem-se tiros*) Já é tarde ! O fogo rompe ! As nossas baterias descarregão metralhas sobre Cialdini . . ah ! tudo está perdido para Gaeta.

MILON.

Ah ! corramos a enviar a Cialdini o tratado de paz . . Capitão, tomai conta do forte . . e defendei-o, se os inimigos o atacarem. (*sae*).

SCENA 9.**Appiani (no forte) Cezar.**CEZAR (*furioso*).

Ah ! guerra e mais guerra ! Corra o sangue des-

ses ousados. . Meu Deos !. . Onde estou ? . . Esta praça !. . Ah ! E' de Francisco II. . Cialdini. . tomai, ella é vossa. . (*ouvem se continuados tiros*). Estes tiros são dos libertadores. . Ah ! aproxima-se. . elles triumphão. . Não. . não ganhareis facilmente. . fogo. . soldados. . deffendei ao coronel Cezar. . ah ! perdão ! (*ajoelha*) perdão !. . Luiza. . Domenico. . Vespuccio. . Palmiro. . Pazini. . ah ! por piedade. . salvai-me. . salvai-me em nome de Deos (*cae*).

SCENA IO,

Cezar, Milon, Appiani (*no forte*).

MILON.

Já nada mais me resta fazer. . (*dá com o corpo de Cezar*). O coronel Cezar !

CEZAR.

Quem me chama ?

MILON (*ajudando a erguer Cezar*).

Coronel ! Quando os inimigos nos atacão, vós fugis delles ?

CEZAR.

Fugir !. . sim fugi de Ancona. . fugirei de Gaeta !

MILON.

Não ouvis o troar dos canhões ?

CEZAR.

São os exercitos que se batem, é o estrebuchar

do rei de Napoles, são os ultimos arrancos da dynastia Bourbon que vai morrer. (*Vê-se passar padiolas com doentes pelo fundo.*)

MILON.

Ah ! pobre doudo !

CEZAR.

Infeliz Francisco II !

MILON.

O general Bosco sustenta o fogo !

APPIANI (*do forte*).

Governador, ainda não flutua a bandeira da paz nas baterias inimigas.

MILON.

Ah ! Infeliz Gaeta ! (*sae*)

SCENA III.

Cezar, Appiani (*no forte*).

CEZAR.

Estes tiros !.. E' a voz do combate que me chama !.. Roma invoca meu nome ! Izabel pede que a deffenda (*com resignação*) Ah ! a victoria será nossa (*sae*).

SCENA IV.

Appiani (*no forte*)

Jesus ! Bosco é derrotado, Cialdini apodera-se

das baterias dos capuchinhos !.. Já vejo Estandarte Piemontez em nossas fortalezas !.. ah ! só resta a praça da cidade ! Ella vai render se !.. Bosco ainda combate !.. Vem derrotado !.. ah ! dirige se a este forte !.. Soldados.. por S. Genaro ao combate ! (*ouvem se tambores e fogo de mosquetaria, o combate trava-se na scena entre garibaldinos e napolitanos, e Cezar vem batendo-se com Domenico de dentro*).

SCENA 13.

Domenico, Cezar, Appiani, Generaes, soldado.

CEZAR.

Morre soldado destimido ! (*batendo-se*).

DOMNEICO.

Defende-te Cezar Devechy.

CEZAR.

Ah ! Velho corajozo vaes morrer . (*vai dar o golpe em Domenico e Luiza vestida de militar entra veloz e trespasa a Cezar pelas costas com a espada*).

SCENA 14.

Ditos, Luiza.

LUIZA.

Morre Cezar Devechy.

CEZAR (*deixando cair a espada e rolando no chão*)

Ah ! trahição !

LUIZA.

Cezar Devechy, eu sou Luiza Lablás.

DOMENICO.

Luiza Lablás !

CEZAR.

Luiza ! .. ah ! estaes vingada ! mas .. teu pai .. é morto ! ..

DOMENICO.

Mentes ! Elle vive ! Luiza eu sou teu pai ! .. (*tira os disfarces*) Eu sou Domenico Lablás !

LUIZA (*correndo para o pai.*)

Meu pai ! Ah ! Meu querido pai !

CEZAR.

Ouço os demonios que me chamão .. Izabel .. Izabel .. estaes tambem vingada ! .. O inferno me receba ! ..

DOMENICO (*abraçando Luiza.*)

Minha Luiza ! .. minha filha !

LUIZA.

Meu pai ! (*para Cezar*) Cezar Devechy, a justiça de Deos é tardia mas é certa ! (*á parte*) com sua morte fique sepultado o segredo da minha des-honra ! da minha vergonha eterna ! (*para Cezar*) Cezar, estaes perdoado.

CEZAR (*amparado por Appiani*).

Ah ! Eu morro.. (*cae.*)

DOMENICO.

Chara filha !

LUIZA (*abraçando Domenico*).

Amado pai ! E' morto Cezar !

SCENA 15,

Ditos, Milon, e diversos officiaes.

MILON.

Gaeta capitulou !

DOMENICO (*abraçado com Luiza.*)

Viva a liberdade da Italia !

TODOS.

Viva ! Viva ! Viva !

(*Ouve-se muzica marcial, repiques de sinos e vivas. Milon descobre-se e os soldados Napolitanos, depõem as armas, no mastro do forte vê-se flutuar a bandeira de Victor Emmanuel.*)

FIM DO 5º E ULTIMO ACTO.

ERRATA.

Entre os erros typographicos os que encontramos mais dignos de reparo são os seguintes:

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emmendas.</i>
31	27	Fernando II	Fernando I
42	19	25 annos de idade	66 annos de idade
55	9	Fernando I	Fernando II
61	18	Srtori	Sirtori
66	6	Sistori	Sirtori